

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A FORMA E O USO DOS SUFIXOS *-INHO* E *-ZINHO*
EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL**

Taize Winkelmann Teixeira

PORTO ALEGRE

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A FORMA E O USO DOS SUFIXOS *-INHO* E *-ZINHO*
EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL**

Taize Winkelmann Teixeira

Dissertação de Mestrado em Teoria e Análise Lingüística, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt

PORTO ALEGRE

2008

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho. Sobretudo, aos meus pais, ao meu marido e ao prof. Luiz Carlos Schwindt.

Tenemos que obligar a la realidad a que responda a nuestros sueños, hay que seguir soñando hasta abolir la falsa frontera entre lo ilusorio y lo tangible, hasta realizarnos y descubrirnos que el paraíso estaba ahí, a la vuelta de todas las esquinas.

Julio Cortázar

RESUMO

Neste trabalho, investiga-se a distribuição dos sufixos *-inho* e *-zinho* nos dialetos de Porto Alegre e Curitiba. A partir de estudos que contemplaram tais afixos, olhamos para fatores de natureza lingüística, como classe gramatical (nomes, não-nomes), tonicidade (oxítona, paroxítona e proparoxítona), segmento final da forma primitiva (vogal baixa, vogal média-baixa frontal e posterior, *-i*, *-u* primitivos, *-e*, *-o* primitivos, *-s* / *-z*, *-r* / *-m*, *-l*), *onset* da sílaba final (nasal dorsal, labiais, coronais, dorsais, *onset* vazio), e para fatores de natureza extralingüística, como escolaridade (primário, ginásio, secundário), sexo (masculino e feminino), faixa etária (menos de 50 anos e mais de 50 anos), localidade (Porto Alegre e Curitiba). Esta pesquisa faz uso de dados de fala extraídos de 24 entrevistas do Projeto VARSUL e de um teste de produtividade, que se utiliza de pseudopalavras, aplicado a 20 informantes. Para a análise quantitativa dos resultados, fazemos um uso adaptado dos programas que compõem o pacote VARBRUL, lançando mão tão-somente de freqüências, já que não se trata de um fenômeno tipicamente variável. A análise dos resultados mostrou que *-inho* é o sufixo mais usado, ainda que *-zinho* seja o preferido no contexto de pseudopalavras. Além disso, observou-se um padrão predominantemente alternante, conforme já previu a literatura, definido pela tonicidade, ainda que algum lugar para usos variáveis esteja reservado.

Palavras-chave: Morfologia Lexical. Fonologia Lexical. Fonologia Prosódica. Diminutivos. Alternância.

ABSTRACT

In this paper, the distribution of the suffixes *-inho* and *-zinho* is investigated in the dialects of Porto Alegre and Curitiba. Starting from studies that cover such affix, we looked at factors of linguistic nature, like grammatical class (names, no-names), tonicity (stressed on the last, second last, or third last syllable), final segment in the primitive form (low vowel, back and front low-mid vowels, *-i*, primitive *-u*, *-e*, primitive *-o*, *-s / -z*, *-r / -m*, *-l*), final syllable onset (dorsal nasal, labial, coronal, dorsal, empty onset), and extra linguistic nature factors, such as educational background (primary, elementary, high school), sex (male and female), age group (less than 50 and more than 50 years old), place (Porto Alegre and Curitiba). This research makes use of extracted speech data of 24 interviews from Projeto VARSUL and of a productivity test, which uses pseudo words, applied to 20 applicants. For the quantitative analysis of the results, we make an adapted use of the programs that compose the package VARBRUL, not taking into account only of frequencies numbers, since it is not a typically variable phenomenon. The analysis of the results showed that *-inho* is the most used suffix, although *-zinho* is the favorite in the context of pseudo words. Besides, a predominantly alternating pattern was observed, as already expected in literature, defined by the tonicity, although some place for variable uses may be reserved.

Key words: Lexical Morphology. Lexical Phonology. Prosodic Phonology. Diminutive. Alternation.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	10
LISTA DE GRÁFICOS.....	11
LISTA DE QUADROS.....	12
INTRODUÇÃO.....	13
1 A PESQUISA.....	14
1.1 Delimitação do tema.....	14
1.2 Justificativa.....	14
1.2.1 Justificativa interna.....	14
1.2.2 Justificativa externa.....	15
1.3 Objetivos.....	15
1.3.1 Geral.....	15
1.3.2 Específicos.....	15
1.4 Hipóteses.....	16
2 REVISÃO TEÓRICA.....	17
2.1 Língua falada: variações e alternâncias.....	17
2.2 Morfologia Lexical.....	19
2.3 Morfologia e Fonologia Lexical.....	22
2.4 Fonologia Prosódica.....	26
2.5 Estudos de <i>-inho</i> e <i>-zinho</i>	29
2.5.1 Moreno (1977).....	29
2.5.2 Vieira (1978).....	34
2.5.3 Bisol (1992).....	37
2.5.4 Menuzzi (1993).....	44
2.5.5 Schulz (1997).....	47
3 METODOLOGIA.....	50
3.1 Dados extraídos do VARSUL.....	50
3.1.1 Informações sobre o VARSUL.....	50

3.1.2 População.....	51
3.1.3 Composição da amostra.....	51
3.1.4 Coleta de dados.....	51
3.2 Dados extraídos do teste de produtividade.....	51
3.2.1 População.....	51
3.2.2 Composição da amostra.....	52
3.2.3 Constituição do teste.....	52
3.2.4 Coleta de dados.....	53
3.3 Tratamento e análise dos dados.....	54
3.3.1 Pacote de programas.....	54
3.3.2 Tratamento dos dados do VARSUL.....	55
3.3.2.1 Definição das variáveis.....	55
3.3.2.1.1 Variável dependente.....	55
3.3.2.1.1.1 Sufixo <i>-zinho</i>	56
3.3.2.1.2 Variáveis independentes.....	56
3.3.2.1.2.1 Variáveis lingüísticas.....	56
3.3.2.1.2.1.1 Classe gramatical.....	56
3.3.2.1.2.1.2 Tonicidade.....	56
3.3.2.1.2.1.3 Segmento final da forma primitiva.....	57
3.3.2.1.2.1.4 <i>Onset</i> da sílaba final.....	57
3.3.2.1.2.2 Variáveis extralingüísticas.....	58
3.3.2.1.2.2.1 Sexo.....	58
3.3.2.1.2.2.2 Faixa etária.....	58
3.3.2.1.2.2.3 Escolaridade.....	58
3.3.2.1.2.2.4 Localidade.....	58
3.3.3 Tratamento dos dados do teste de produtividade.....	59
3.3.3.1 Definição das variáveis.....	59
3.3.3.1.1 Variável dependente.....	59
3.3.3.1.1.1 Sufixo <i>-zinho</i>	59
3.3.3.1.2 Variáveis independentes.....	59
3.3.3.1.2.1 Variáveis lingüísticas.....	59
3.3.3.1.2.1.1 Tonicidade.....	59
3.3.3.1.2.1.2 Segmento final da forma primitiva.....	59

3.3.3.1.2.1.3 <i>Onset</i> da sílaba final.....	60
3.3.3.1.2.2 Variáveis extralingüísticas.....	60
3.3.3.1.2.2.1 Sexo.....	60
4 RESULTADOS E ANÁLISE.....	61
4.1 Detalhamento e discussão dos resultados.....	61
4.1.1 Dos dados do VARSUL.....	61
4.1.2 Do teste de produtividade.....	74
4.2 Configuração prosódica de <i>-inho</i> e <i>-zinho</i>	78
4.3 Configuração lexical de <i>-inho</i> e <i>-zinho</i>	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	85
ANEXOS.....	88
ANEXO I – Lista de ocorrências do VARSUL.....	89
ANEXO II – Lista de ocorrências do teste de produtividade.....	93
ANEXO III – Modelo do teste de produtividade aplicado.....	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição por <i>classe gramatical</i> do sufixo <i>-zinho</i>	62
Tabela 2 - Distribuição por <i>tonicidade</i> do sufixo <i>-zinho</i>	63
Tabela 3 - Distribuição por <i>segmento final da forma primitiva</i> do sufixo <i>-zinho</i> ..	65
Tabela 4 - Distribuição por <i>onset da sílaba final</i> do sufixo <i>-zinho</i>	67
Tabela 5 - Distribuição por <i>escolaridade</i> do sufixo <i>-zinho</i>	68
Tabela 6 - Distribuição por <i>sexo</i> do sufixo <i>-zinho</i>	69
Tabela 7 - Distribuição por <i>faixa etária</i> do sufixo <i>-zinho</i>	69
Tabela 8 - Distribuição por <i>localidade</i> do sufixo <i>-zinho</i>	70
Tabela 9 - Cruzamento entre <i>Segmento final da forma primitiva</i> e <i>Localidade</i> ..	71
Tabela 10 - Distribuição por <i>tonicidade</i> do sufixo <i>-zinho</i>	75
Tabela 11 - Distribuição por <i>segmento final da forma primitiva</i> do sufixo <i>-zinho</i>	76
Tabela 12 - Distribuição por <i>onset da sílaba final</i> do sufixo <i>-zinho</i>	77
Tabela 13 - Distribuição por <i>sexo</i> do sufixo <i>-zinho</i>	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência geral dos sufixos <i>-inho</i> e <i>-zinho</i> no VARSUL.....	61
Gráfico 2 - Uso dos sufixos <i>-inho</i> e <i>-zinho</i>	64
Gráfico 3 - Frequência geral dos sufixos <i>-inho</i> e <i>-zinho</i> no teste de produtividade.....	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Palavras-base e as pseudopalavras correspondentes.....	53
Quadro 2 - Ocorrência de palavras com <i>-zinho</i> em Porto Alegre e Curitiba....	72

INTRODUÇÃO

O português brasileiro (PB) expressa a idéia de diminuição através de vários sufixos, entre eles *-ico*, *-ote*, etc. No entanto, os elementos mais recorrentes parecem ser os sufixos *-inho* e *-zinho*, que, além de significarem algo pequeno, também carregam outros tipos de acepções, como afeto e atenuação.

Diante de tal produtividade e da constatação preliminar de que *-inho* e *-zinho* apresentam uma alternância quanto à sua aplicação, o presente estudo tem por objetivo estudar a forma e o uso de tais sufixos em variedades do português do sul do Brasil, com o apoio dos pressupostos teóricos da Morfologia Lexical, da Morfologia e Fonologia Lexical e da Fonologia Prosódica.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos que serão apresentados, resumidamente, na seqüência.

O primeiro capítulo traz as informações pertinentes à pesquisa, expondo as justificativas, a delimitação do tema, bem como seus objetivos e suas hipóteses.

O segundo capítulo destina-se à revisão teórica da Morfologia Lexical, da Morfologia e Fonologia Lexical, da Fonologia Prosódica; dos estudos já realizados acerca de *-inho* e *-zinho* e apresenta, ainda, aspectos alternantes e variantes da língua falada. Para isso, buscaram-se os trabalhos mais significativos referentes a cada assunto.

O terceiro capítulo trata da metodologia empregada nesta pesquisa. Nessa parte, são expostos o método de análise, as amostras escolhidas, a definição das variáveis lingüísticas e extralingüísticas selecionadas e os instrumentos de pesquisa utilizados.

A análise e a discussão dos resultados obtidos através dos programas computacionais, bem como a configuração prosódica e lexical de *-inho* e *-zinho* são apresentadas no quarto capítulo.

Por fim, seguem as conclusões, as referências bibliográficas e os anexos.

1 A PESQUISA

1.1 Delimitação do tema

Esta pesquisa propõe-se estudar a forma e o uso dos sufixos *-inho* e *-zinho* nos dialetos de Porto Alegre e Curitiba.

A distribuição de tais afixos parece estar, essencialmente, condicionada ao padrão acentual da língua. A partir disso, este trabalho pretende verificar como acontece esse processo de alternância e, também, a possível variação que envolve o fenômeno, com base na Morfologia Lexical, na Morfologia e Fonologia Lexical e na Fonologia Prosódica.

1.2 Justificativa

1.2.1 Justificativa interna

Existem várias produções na literatura que tratam de *-inho* e *-zinho*, como Moreno (1977), que objetiva estudá-los em sua função de formadores do diminutivo de vocábulos nominais; Menuzzi (1993), que propõe uma análise quanto à alternância na utilização de tais sufixos, entre outros. Porém, não há muitos estudos que contemplem, principalmente, o uso a partir de dados reais de fala. Por isso, verifica-se a necessidade de pesquisas que tenham o referido enfoque.

Outro aspecto que instiga esta pesquisa é que se ouve muito os falantes utilizarem para a mesma palavra tanto *-inho* quanto *-zinho*, como em *colherinha*, *colherzinha*. Com isso, surgiu o interesse de saber o que determina a distribuição e o emprego desses sufixos.

Quanto à escolha das cidades de Porto Alegre e Curitiba, isso se justifica porque elas apresentam uma oposição de comportamento no que diz respeito à

redução ou à não-redução da átona final, conforme estudo realizado por Vieira (1994)¹, o que poderia interferir na distribuição dos referidos afixos.

1.2.2 Justificativa externa

Esta pesquisa contribui para uma descrição mais completa do português falado no Brasil, principalmente na região sul.

Além disso, o estudo da interface morfologia-fonologia poderá proporcionar subsídios teóricos para o ensino da Língua Portuguesa.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

Contribuir para a descrição do português falado no Brasil, através do estudo da forma e do uso dos sufixos *-inho* e *-zinho* nos dialetos dos municípios de Porto Alegre e Curitiba.

1.3.2 Específicos

Os objetivos específicos são os seguintes:

- averiguar em quais classes gramaticais os sufixos *-inho* e *-zinho* são mais utilizados;
- examinar a produtividade no emprego desses elementos;
- verificar o papel do segmento final da forma primitiva da base na distribuição de *-inho* e *-zinho*;
- analisar se o *onset* da sílaba final pode contribuir na utilização de um sufixo ou de outro;

¹ Para mais informações, ver Vieira (1994).

- verificar se a tonicidade pode exercer influência na distribuição de tais sufixos;
- oferecer um tratamento teórico aos dados obtidos, que permita formalizar o fenômeno;
- investigar se fatores sociais, tais como escolaridade, sexo, faixa etária, localidade, têm um papel significativo em relação à escolha de tais afixos.

1.4 Hipóteses

As hipóteses que norteiam esta pesquisa são estas:

- os nomes (substantivos e adjetivos) apresentam mais formações com *-inho* e *-zinho* do que outras classes gramaticais;
- o sufixo *-inho* é o mais recorrente na língua falada;
- o segmento final da forma primitiva da base influencia o emprego de tais sufixos; nesse sentido, a não-redução da átona final pela cidade de Curitiba motiva a escolha de *-zinho*; quanto a Porto Alegre, há preferência por *-inho*, porque a redução se aplica quase que categoricamente;
- o *onset* da sílaba final da palavra contribui, também, na determinação de qual sufixo será utilizado;
- a tonicidade é a principal responsável pela distribuição dos referidos afixos;
- os fatores externos (escolaridade, sexo, faixa etária, localidade) não colaboram na distribuição de *-inho* e *-zinho*; no entanto, no caso da cidade de Curitiba, há um uso maior de *-zinho*, exatamente porque a átona final não é reduzida; já em Porto Alegre, *-inho* é o mais utilizado, visto que existe uma propensão forte a neutralizar a átona final.

2 REVISÃO TEÓRICA

Este capítulo dedica-se à revisão da literatura das teorias utilizadas nesta dissertação, a saber: Morfologia Lexical, Morfologia e Fonologia Lexical e Fonologia Prosódica. Traz, ainda, estudos que abordaram os diminutivos, sobretudo *-inho* e *-zinho*.

2.1 Língua falada: variações e alternâncias

A língua é um instrumento de comunicação e, como tal, é através dela que as pessoas estabelecem diálogos e se inserem em seu contexto social. Nessas interações, há tanto fatores internos quanto externos à língua, que influenciam a escolha dos termos utilizados pelos falantes. A partir disso, a língua pode sofrer variação, ou seja, ela é passível de constantes mudanças e variações, dependendo do tipo de escrita, da região e do nível social envolvidos.

Para Labov² (1972), o sistema lingüístico é heterogêneo e por isso há a necessidade de observar o maior número de falantes no seu contexto real de uso da linguagem, para que seja possível perceber e descrever os processos variantes.

Um dos trabalhos mais significativos de Labov, tendo como foco a variação lingüística, foi entre os falantes da Ilha de Martha's Vineyard, localizada em Massachusetts – Estados Unidos. Tal estudo ocupou-se em observar a mudança de posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/. Para investigar a variação da centralização desses ditongos, Labov selecionou variáveis lingüísticas (contexto anterior e posterior, fatores prosódicos, entre outros) e variáveis extralingüísticas (idade, região, grupo étnico, etc), que poderiam estar influenciando esse comportamento. De acordo com a visão de

² A Teoria da Variação (modelo variacionista) foi iniciada por William Labov (1966). Ele estabeleceu a noção de regra variável, na qual duas ou mais formas têm o mesmo valor de verdade. Tal modelo prevê que a variabilidade da língua está condicionada por fatores do ambiente lingüístico e do contexto social.

Labov, esse método de pesquisa possibilita uma melhor compreensão e identificação dos fatores que estão interagindo nos resultados da variação lingüística.

Ainda de acordo com esse autor, o estudo da fala em situações reais não é uma tarefa tão fácil, já que vários problemas interferem no processo. Entre eles, estão a agramaticalidade da fala (os falantes produzem muitas expressões mal formadas), a variação na fala e na comunidade lingüística (existem diversas maneiras de dizer a mesma coisa com o mesmo significado, dificultando assim a definição do lugar da variação na estrutura lingüística), as dificuldades de escuta e de gravação (as condições do ambiente influenciam a qualidade dos dados gravados) e a carência de determinadas formas sintáticas (dificuldade em pesquisar formas gramaticais mais raras na língua).

Já Antilla (1997) questiona qual o lugar da variação, perguntando por que ela ocorre em determinados ambientes, mas não em outros. Nesse sentido, o autor diz que

A conclusão a que podemos chegar é inevitável: se queremos explicar o que varia e como varia em cada língua, nós precisamos ter um bom conhecimento das fonologias específicas das línguas. Uma intuição comum é a de que a opcionalidade / variação surge em ambientes onde as regularidades da língua são de certa forma “relaxadas” ou onde há “conflito”. O que exatamente isso significa em uma dada língua é uma questão que somente pode ser respondida pela análise fonológica. (Antilla, 1997, p. 211)³

Além dessa variabilidade, a língua apresenta, também, fenômenos de alternância, ou seja, quando não há dois usos em contextos idênticos. No caso do presente estudo, parece que estamos diante de uma alternância entre *-inho* e *-zinho*, já que tais sufixos parecem estar em distribuição complementar, eles têm um contexto de aplicação condicionado fonologicamente pelo acento.

Isso posto, pode-se dizer que a variação faz parte da estrutura das línguas em geral, uma vez que é possível expressar o mesmo significado através de maneiras distintas. Porém, é necessário conhecer bem o seu inventário fonológico

³ The conclusion is inevitable: if we want to explain what varies and how in each language, we need a good understanding of the language-specific phonologies. One commonsense intuition is that optionality / variation arises in environments where the regularities of the language are somehow ‘relaxed’ or where they ‘conflict’. What exactly this means in any given language is a question that can only be answered through phonological analysis (Antilla, 1997, p. 211).

para determinar o que varia e como ocorre tal variação. Além disso, a investigação dessas regras variáveis demanda uma metodologia adequada e cuidadosa, bem como uma sólida compreensão dos sistemas lingüísticos. Ao mesmo tempo, as línguas compreendem processos alternantes, que se caracterizam por apresentarem uma distribuição complementar das formas envolvidas, isto é, não ocorre o uso de elementos diferentes para um mesmo contexto lingüístico.

2.2 Morfologia Lexical

A morfologia teve um avanço muito significativo no Estruturalismo norte-americano, representado por Edward Sapir e Leonard Bloomfield, onde se desenvolveram as técnicas mais acuradas de análise morfológica. Essa corrente preocupou-se, principalmente, em conceituar, segmentar e classificar os morfemas. Porém, esse tipo de procedimento descritivo não era suficiente para explicar os processos derivacionais em que o morfema não tinha um significado específico.

Surge, então, no final da década de 50, um novo modelo, chamado Gerativismo, que traz uma concepção diferenciada para os estudos da linguagem. Para Chomsky, fundador dessa corrente, a língua é muito mais do que um simples processo de descrição, ela é algo inerente ao ser humano, que possui uma capacidade criadora inata.

Nesse sentido, Basílio (1980, p. 07) afirma

Na gramática tradicional, assim como no estruturalismo, a morfologia derivacional é definida como a parte da gramática de uma língua que descreve a formação e estrutura das palavras. Numa abordagem gerativa, podemos dizer que a morfologia derivacional é a parte da gramática que dá conta da competência do falante nativo no léxico de sua língua.

A Teoria Gerativa deu ênfase, sobretudo, à sintaxe, propondo que a criação de novas palavras acontecia por meio de regras sintáticas. No entanto, Chomsky, no artigo *Remarks on Nominalization* (1970), revê essa posição e propõe a hipótese lexicalista, segundo a qual formas nominais derivadas de verbos não são

geradas por transformações sobre a estrutura profunda e sim através de regras morfológicas, que atuam no âmbito do léxico. Com isso, a morfologia lexical passou a ser estudada por vários teóricos, adquirindo uma autonomia face à sintaxe e à fonologia.

Em suma, na sintaxe gerativa o léxico era visto como algo passivo, apenas como uma lista de palavras; já na morfologia lexical o léxico é composto por um conjunto de palavras mais as regras morfológicas atuantes.

Dessa forma, as regras é que são as responsáveis pela formação das palavras produzidas pelos falantes. De acordo com Aronoff (1976, p. 46),

[...] regras de formação de palavras são regras do léxico e como tais operam totalmente dentro do léxico. Elas são totalmente separadas de outras regras da gramática, embora não de outros componentes da gramática. Uma regra de formação de palavras pode fazer referência a propriedades sintáticas, semânticas e fonológicas das palavras, porém não a regras sintáticas, semânticas ou fonológicas⁴.

Para exemplificar, a regra de acréscimo de *-ção*, como em *adotar – adoção*, pode ser representada assim:

$$[X]_v \rightarrow [[X]_v \text{ ção}]_N$$

Essa regra diz que qualquer verbo serve de base para a formação de um nome com *-ção*.

Conforme Basílio (1980), além das regras de formação de palavras (RFPs), existem as regras de análise estrutural (RAEs), que dizem respeito à estrutura das palavras. Através delas o falante reconhece, na maioria das vezes, que uma palavra deriva de outra, ou seja, ele sabe que, por exemplo, *preparação* vem de *preparar*. Assim, a RAE de *preparação* será a seguinte:

$$[[\text{preparar}]_v \text{ -ção}]_N$$

⁴ [...] WFRs are rules of the lexicon, and as such operate totally within the lexicon. They are totally separate from the other rules of the grammar, though not from the other components of the grammar. A WFR may make reference to syntactic, semantic, and phonological properties of words, but not to syntactic, semantic, or phonological rules (Aronoff, 1976, p. 46).

Contudo, nem sempre as RAEs são completamente transparentes aos olhos dos falantes.

Uma RAE é maximamente transparente quando, para qualquer forma, (a) a composição fonética do sufixo que ela especifica é identificável sem ambigüidade; e (b) a função e / ou significado do sufixo que ela especifica é definida com precisão, assim como a classe de bases com que este sufixo pode ser combinado.

Se alguma destas condições é violada, a regra é opaca. Assim, uma RAE é opaca quando as formas a que ela poderia ser aplicada podem também ser analisadas como tendo uma estrutura diferente ou como sendo indivisíveis (Basílio, 1980, p. 52).

Tomando por base Schwindt (2000), em português temos, por exemplo, a palavra *sublinhar*, na qual os falantes não enxergam *sub-* como prefixo, porque ele integra a base. Nesse caso, *sub-* é completamente não-transparente, uma vez que não é visto como prefixo. Ao contrário, na palavra *sublocar*, *sub-* é um prefixo, o que o torna totalmente transparente e reconhecido como tal. Por isso, em *sublocar* não acontece a ressilabificação de *bl*; já em *sublinhar* ocorre a ressilabificação em função de que a seqüência *sub-* faz parte da base.

Uma noção importante relacionada à formação de palavras é a da produtividade. Segundo Aronoff (1976, p. 39), “[...] há uma ligação direta entre coerência semântica e produtividade”⁵, ou seja, os falantes tendem a produzir palavras com um afixo mais predizível e geral diante de outro com um significado mais restrito. Parece que há uma preferência em criar palavras novas dentro de uma regularidade. O referido autor cita um exemplo do Inglês em que *-ness* é mais produtivo do que *-ity* por apresentar um sentido mais regular e coerente.

No entanto, segundo o mesmo autor, a produtividade dos afixos pode ser limitada devido ao fenômeno de bloqueio, isto é, se a língua já dispõe de uma forma para referir-se a algo, ela não faria uso de outra. Por exemplo, em português temos a palavra *ladrão* para designar aquele que rouba e por isso não se espera a formação e a utilização de *roubador* com a mesma função de *ladrão*.

Baseando-se nos pressupostos desta teoria, tentaremos verificar qual dos sufixos, *-inho* ou *-zinho*, é o mais produtivo na língua.

⁵ [...] there is a direct link between semantic coherence and productivity (Aronoff , 1976, p. 39).

2.3 Morfologia e Fonologia Lexical (LPM)⁶

A Morfologia e Fonologia Lexical estuda a interação entre fonologia e morfologia. Nessa teoria, o léxico de uma língua está organizado em estratos ordenados, nos quais regras fonológicas e morfológicas interagem entre si em cada nível, formando, assim, as palavras. Tal teoria, desenvolvida por Paul Kiparsky (1982) e K. P. Mohanan (1982), leva em conta as relações entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que se aplicam a esta palavra.

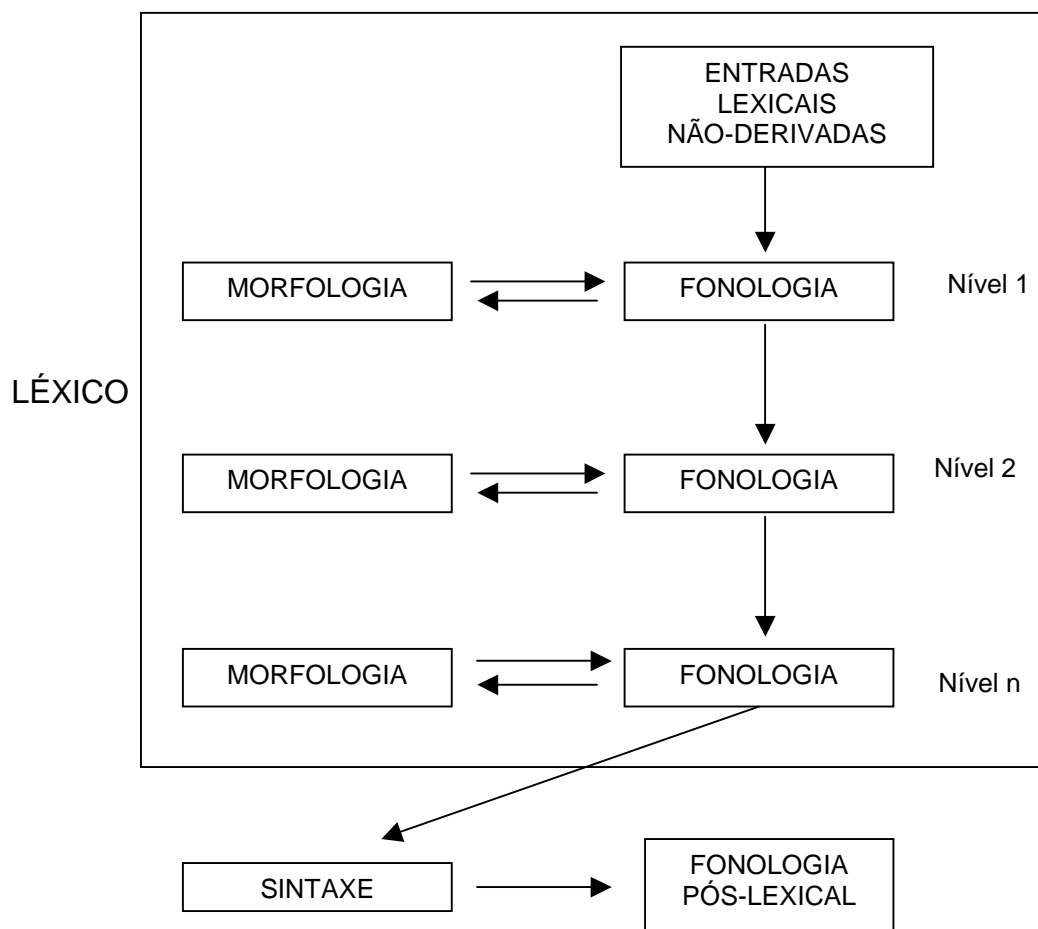
Assim como no modelo anterior, também a LPM considera a palavra a unidade central de análise, por ela possuir significação independente e, além disso, ser *input* e *output* dos processos. Nesse sentido, Aronoff (1976, p. 22) diz que

[...] regras de formação de palavras não operam em algo menos do que uma palavra, isto é, em morfemas. [...] nem todos os morfemas são significativos. Desde que regras regulares podem somente derivar de palavras significativas a partir de bases significativas, então morfemas não podem servir de base para tais regras⁷.

⁶ Lexical Phonology and Morphology.

⁷ [...] WFRs do not operate on anything less than a word, i.e. on morphemes. [...] not all morphemes are meaningful. Since regular rules can only derive meaningful words from meaningful bases, it follows of course that meaningless morphemes cannot serve as bases for any such rules (Aronoff, 1976, p. 22).

De acordo com Kiparsky (1982, p. 4), o léxico está estruturado da seguinte maneira:



O esquema acima mostra, pela disposição das setas, que o resultado de cada nível pode servir de entrada para o outro. Além disso, observa-se a divisão em dois grandes componentes que são o lexical (as regras são aplicadas somente a palavras) e o pós-lexical (as regras são aplicadas depois da sintaxe, em combinação de palavras). Do primeiro fazem parte as regras lexicais e do segundo as regras pós-lexicais, cujas distinções podem ser visualizadas a seguir.

REGRA LEXICAL	REGRA PÓS-LEXICAL
a) pode referir-se à estrutura interna das palavras	a) não se refere à estrutura interna das palavras
b) não pode se aplicar entre palavras	b) pode aplicar-se entre palavras
c) pode ser cíclica	c) não é cíclica
d) se for cíclica, está sujeita à Condição do Ciclo Estrito	d) não está sujeita à Condição do Ciclo Estrito
e) está sujeita ao Princípio da Preservação da Estrutura	e) não está sujeita ao Princípio da Preservação da Estrutura
f) pode ter exceções	f) não pode ter exceções
g) deve preceder todas as regras pós-lexicais	g) deve ser precedida por todas as regras lexicais

Sobre o funcionamento de tais regras, Bisol (2001, p. 74) afirma

Há duas grandes categorias de regras fonológicas: lexicais e pós-lexicais. As regras fonológicas lexicais são sensíveis à morfologia e aplicam-se, par a par, com as regras morfológicas em cada nível da hierarquia que compõe o léxico da língua. As regras fonológicas pós-lexicais, por outro lado, não são sensíveis ao contexto morfológico e aplicam-se no componente pós-lexical da gramática da língua.

Para que a palavra seja formada corretamente, as regras são ordenadas intrinsecamente, ou seja, elas seguem princípios universais, que regulam o seu processo de aplicação. Assim, as formações mais irregulares e específicas da língua estão nos níveis mais altos, ao passo que as formações mais regulares e predizíveis acontecem nos níveis mais baixos. Obedecendo, então, a uma ordem de ocorrência, os morfemas derivacionais estão mais próximos da raiz do que os morfemas flexionais, ocupando aqueles uma posição entre a raiz e a flexão.

Para exemplificar todo esse processo de formação de palavras, apresentamos, a seguir, a derivação de *tempo*, *temporal*, *temporalidade* extraída de Bisol (2005, p. 97).

	[teNp+o] _N	[[teNp+o]al] _N	[[[teNp+o]al]idade] _N
Léxico			
Nível 1			
Ciclo 1			
Morfologia			
Adjunção de vogal temática	[teNpo]	[teNpo]	[teNpo]
Fonologia			
Silabificação	[teN.po.]	[teN.po.]	[teN.po.]
Acento	[téN.po.]	[téN.po.]	[téN.po.]
Ciclo 2			
Morfologia			
Afixação		[[téN.po.]al]	[[téN.po.]al]
Fonologia			
Convenção de Apagamento de Acento		[[teN.po.]al]	[[teN.po.]al]
Silabificação com epêntese		[[teN.po.]ral]	[[teN.po.]ral]
Acento		[[teN.po.rál]	[[teN.po.rál]
Ciclo 3			
Morfologia			
Afixação			[[[teN.po.rál.]idade]
Fonologia			
Convenção de Apagamento de Acento			[[[teN.po.ral.]idade]
Silabificação			[[[teN.po.ra.l]i.dade]
Acento			[[[teN.po.ra.l]i.dá.de]
Convenção de Bracketing		[teN.po.rál]	[teN.po.ra.li.dá.de]
Neutralização	[téN.pu]		[teN.po.ra.li.dá.di]
Palatalização			[teN.po.ra.li.dá.ʤi]
Nasalização da vogal	[tẽN.pu]	[tẽN.po.rál]	[tẽN.po.ra.li.da.ʤi.]
Implementação de N	[tẽm.pu.]	[tẽm.po.rál]	[tẽm.po.ra.li.dá.ʤi.]
Saída	tẽm.pu.	tẽm.po.rál	tẽm.po.ra.li.dá.ʤi.

A Morfologia e Fonologia Lexical propõe princípios universais, que definem como e onde as regras vão atuar dentro dos estratos. São os que seguem.

a) **Convenção de Apagamento de Colchetes** (*Bracket Erasure Convention*): estabelece que as informações em relação à estrutura interna da palavra sejam apagadas antes de passar para o próximo estrato, impedindo o acesso a qualquer dado do estrato precedente.

b) **Elsewhere Condition**: garante a prioridade das regras mais restritas sobre as mais gerais em contextos similares, definindo qual regra será aplicada primeiro.

c) **Condição do Ciclo Estrito** (*Strict Cycle Condition*): estabelece que as regras afetam estruturas construídas por regras pertencentes a um mesmo estrato em ambientes derivados.

d) **Princípio da Preservação da Estrutura** (PPE): estabelece restrições às derivações, proibindo a aplicação de uma regra que produza formas inexistentes no sistema da língua.

A partir dos pressupostos da Morfologia e Fonologia Lexical, procuraremos examinar em qual nível do léxico cada um dos sufixos, *-inho* e *-zinho*, se liga à sua base.

2.4 Fonologia Prosódica

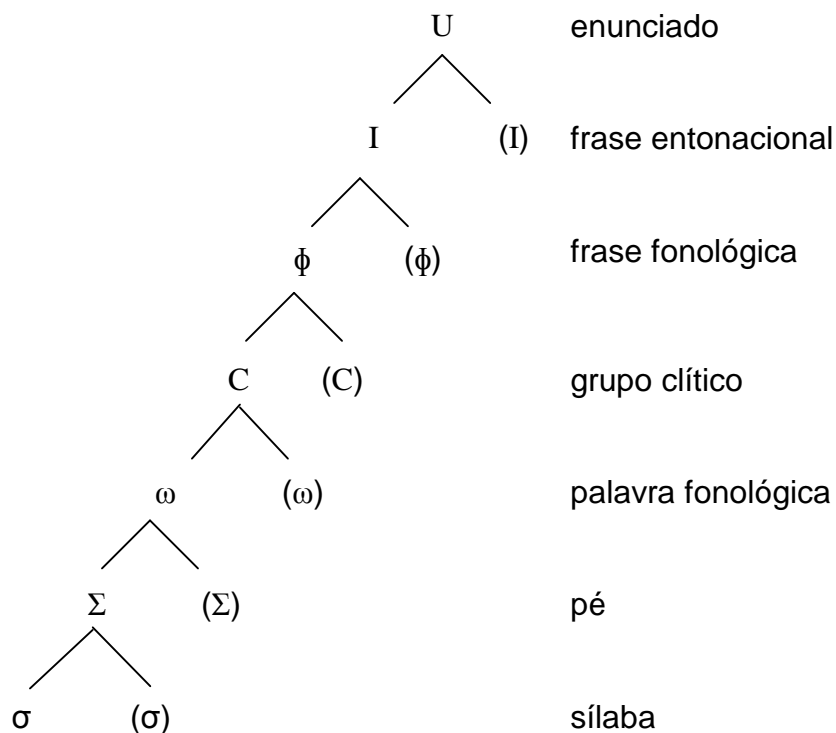
Como esta pesquisa pretende verificar, também, qual a estrutura prosódica de *-inho* e *-zinho*, esta subseção traz os pressupostos básicos da Fonologia Prosódica de acordo com a Teoria de Domínios de Nespor & Vogel (1986).

Conforme as referidas autoras, os constituintes prosódicos são: enunciado, frase entonacional, frase fonológica, grupo clítico, palavra fonológica, pé, sílaba. Estes, por sua vez, obedecem a uma hierarquia representada abaixo, com seus respectivos símbolos:

(1) Hierarquia Prosódica

enunciado	U
frase entonacional	I
frase fonológica	Φ
grupo clítico	C
palavra fonológica	ω
pé	Σ
sílaba	σ

(2) Escala prosódica



Tais unidades prosódicas formam-se da seguinte maneira, segundo Nespor & Vogel (1986):

- Construção do constituinte prosódico

Incorpore em X^P todos os X^{P-1} incluídos em uma série delimitada pela definição do domínio de X^P .

Conforme Bisol (2005), na regra X^P é um constituinte (pé, palavra fonológica, grupo clítico, etc.) e X^{P-1} é o constituinte imediatamente inferior na hierarquia.

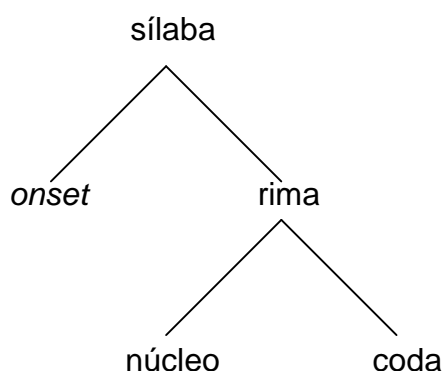
A Teoria Prosódica faz uso de quatro princípios para regular a hierarquia apresentada acima:

- 1) cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- 2) cada unidade está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior da qual faz parte;
- 3) as estruturas hierárquicas da fonologia prosódica são n-árias;
- 4) a relação de proeminência relativa definida para nós irmãos é tal que a um nó é atribuído o valor forte e a todos os outros o valor fraco.

Devido a razões de abrangência deste trabalho, abordaremos apenas os constituintes prosódicos *sílaba* e *palavra fonológica*, por serem relevantes ao presente estudo.

Segundo Nespor & Vogel (1986), a sílaba é o menor constituinte da hierarquia prosódica. De acordo com a teoria silábica de Harris (1983), a sílaba apresenta uma organização interna representada a seguir:

(3) Estrutura da sílaba



Uma sílaba consiste em um *onset* e uma rima, que se divide em núcleo e coda. Qualquer categoria pode ser vazia, com exceção do núcleo. Em português, o núcleo da sílaba é constituído sempre por uma vogal, elemento de maior sonoridade, enquanto que o *onset* e a coda são opcionais.

A palavra fonológica é a categoria que domina o pé e este deve ser agrupado somente dentro de palavras fonológicas. É no nível da palavra fonológica que ocorrem as interações entre a morfologia e a fonologia.

Quanto ao seu tamanho, Nespor & Vogel (1986) apontam duas possibilidades, uma de que a palavra fonológica seja igual ao elemento terminal da árvore sintática e outra de que ela seja menor. Para exemplificar a primeira, as referidas autoras citam o grego e o latim, uma vez que em tais línguas um composto corresponde a uma única palavra fonológica. Com referência à segunda possibilidade, são mencionados o sânscrito, o turco, o húngaro, que não apresentam um isomorfismo entre o constituinte fonológico e o sintático. Nessas línguas, os membros dos compostos pertencem a palavras fonológicas diferentes.

O português se insere nessa última, já que, também, não há uma relação de equivalência entre a palavra fonológica e a morfológica, como é possível verificar, por exemplo, em *cachorro-quente*, que forma duas palavras fonológicas, com acentos individuais, e uma palavra morfológica.

2.5 Estudos de *-inho* e *-zinho*

Esta subseção encarrega-se de apresentar os estudos mais relevantes acerca de *-inho* e *-zinho*. Para tanto, são contempladas as análises de Moreno (1977), Vieira (1978), Bisol (1992), Menuzzi (1993) e Schulz (1997).

2.5.1 Moreno (1977)

De acordo com Moreno (1977), o estudo dos diminutivos *-inho* e *-zinho* está relacionado diretamente com a estrutura do vocábulo. Devido a isso, há necessidade de delimitar e explicar os diferentes níveis de vocábulos existentes, que são o vocábulo fonológico, o vocábulo ortográfico e o vocábulo morfológico. Em linhas gerais, o vocábulo fonológico se refere à distribuição do acento tônico. Já o segundo tipo diz respeito à grafia das palavras na língua. Nesse aspecto, o autor ressalta a dificuldade que os falantes têm na escrita, pois o nosso sistema apresenta uma multiplicidade de representações para certos fonemas, como, por exemplo, /s/. Apesar disso, o falante nativo mostra consciência e intuição sobre os

vocábulo da sua língua, bem como quanto aos seus limites. No que tange ao vocábulo morfológico, Moreno utiliza a definição de Bloomfield (1933, p. 178), que diz que um vocábulo morfológico é “uma forma mínima livre”. Isso significa que todo vocábulo morfológico pode ocorrer sozinho na língua, mas, segundo Moreno, tal conceito não abrange, por exemplo, os clíticos, que são, geralmente, vistos como vocábulos morfológicos independentes. Dessa forma, ele faz referência à inclusão da idéia de “forma dependente”, que não é nem forma livre e nem forma presa, ou seja, seria uma espécie de forma intermediária entre essas duas. A introdução de tal conceito daria conta da inserção dos grupos clíticos.

Assim, conforme Moreno, o vocábulo é uma seqüência de fonemas ou de morfemas, dependendo do seu plano de análise. Ao examinar, mais especificamente, a estrutura do vocábulo nominal, ele faz alusão aos diferentes tipos de morfemas que o constitui. Entre eles, estão o radical (contém o significado do vocábulo), os prefixos (ocupam a posição à esquerda do radical), os sufixos (são formas presas que aparecem do lado direito do radical; dividem-se em não-finais ou derivacionais, quando estão mais próximos ao radical, e finais ou flexionais, quando se localizam mais na periferia do vocábulo). A formação de um vocábulo apresenta uma ordem fixa, a saber: prefixo – radical – sufixo.

Segundo o autor, o sufixo *-zinho* mostra um comportamento distinto, tornando difícil a sua classificação em não-final/derivacional ou final/flexional. Isso se deve ao fato de que tal sufixo ocupa um lugar, quando acrescentado aos nomes, à direita dos sufixos flexionais, ou seja, está numa posição já bloqueada por esses sufixos. Ademais, *-zinho* permite a sua direita a presença dos sufixos flexionais de gênero e número. Em face disso, surge a necessidade de distinguir processos derivacionais de processos flexionais. O primeiro consiste na criação de palavras novas; já o segundo se caracteriza pela alteração nas formas de um mesmo padrão, tendo em vista a relação com as outras palavras da frase. Todavia, Moreno destaca que não é uma tarefa tão fácil, na maioria das vezes, a diferenciação desses dois processos em fatos reais da linguagem.

Além disso, ele evidencia, também, a problematização do grau que sempre foi incluído no sistema flexional. De acordo com o referido autor, Mattoso Câmara promove uma ruptura com a teoria tradicional, colocando o grau como um processo de derivação, já que não é obrigatório e regular na língua. É nesse

sistema que se encaixam os sufixos aumentativos e diminutivos, por não apresentarem o dever de correlacionar-se, em termos de concordância, com os outros vocábulos que formam a oração. Os diminutivos, em especial, são utilizados mais freqüentemente na fala coloquial com diversas intenções (carinho, insulto, etc), sendo uma opção do próprio falante a determinação do seu uso. Por outro lado, a flexão tem um caráter de concordância, de obrigatoriedade, de regularidade com os elementos que compõem a sentença.

Entretanto, Moreno levanta um questionamento quanto à classificação do sufixo diminutivo *-inho* e *-zinho* na categoria derivacional, uma vez que a palavra resultante do seu acréscimo não forma uma palavra nova, com algumas exceções, sendo completamente possível retornar ao vocábulo original.

A partir disso, o autor começa a examinar vários estudos acerca dos diminutivos. Entre eles, Moreno cita o trabalho de Jerônimo Soares Barbosa, na sua Gramática Filosófica da Língua Portuguesa, publicado em 1782. Tal gramático aborda uma subcategorização do diminutivo, isto é, enquanto alguns expressam uma diminuição menor (*-ete*, *-ilha*), outros expressam uma diminuição maior (*-inho*, *-inha*) no significado da palavra. Segundo Barbosa, *mulherzinha* representaria um efeito diminuidor maior do que *mulherinha*. Além disso, esse mesmo autor estabelece o ambiente de ocorrência de *-inho* / *-zinho*, especificando que *-inho* ocorre quando o vocábulo primitivo termina em vogal ou consoante (*filhinho*, *rapazinho*) e *-zinho* somente é empregado quando o vocábulo primitivo termina em ditongo (*mãezinha*).

Outro teórico mencionado por Moreno foi Said Ali (1964). Este, por sua vez, diz que os diminutivos pertencem à classe da derivação e que sua formação se dá através de sufixos especiais agregados aos substantivos. Ademais, classifica os sufixos do português em dois grupos: os que formam os aumentativos e diminutivos, e os demais sufixos.

Moreno estabelece, ainda, uma comparação entre *-inho* e *-zinho*. Um aspecto que eles compartilham, por exemplo, seria a manutenção da vogal aberta do primitivo (*café* – *cafezinho*, *rada* – *radinha*). Mas também apresentam diferenças como em relação ao fonema /l/, que pode ser realizado, dependendo do contexto, pela forma velarizada ou vocalizada. Com *-inho* somente a forma alveolar, peculiar de posição pré-vocálica, se manifesta (*bolinho*, *molinha*); já com *-zinho* se

percebe a possibilidade de aplicação das duas formas citadas acima (*gezinho*, *Raquewzinha*). Assim, de acordo com Moreno, parece existir um limite vocabular com *-zinho*, o que não é evidenciado com *-inho*.

Quanto à ocorrência de *-inho* / *-zinho*, Moreno analisa sob o enfoque da acentuação:

- 1) Proparoxítonas e oxítonas: as palavras proparoxítonas e oxítonas parecem preferir a forma *-zinho*, como em *xicarazinha* e não *xicarinha*, *cafezinho* e não *cafeinho*.
- 2) Paroxítonas terminadas em /i/: neste caso, parece que as duas formas são aceitas. Não é possível dizer *bulinho* e sim *bulezinho*, mas é perfeitamente admitido *dentinho*.
- 3) Oxítonas terminadas em consoante: aceitam *-inho*, mas a forma mais usual é *-zinho*, como em *mulherinha* ~ *mulherzinha*.
- 4) Paroxítonas terminadas em hiato e ditongo: Moreno divide em três grupos que são: a) as terminadas em hiato, cuja vogal tônica não é /i/; b) as terminadas em hiato, cuja vogal tônica é /i/; c) as terminadas em ditongo crescente. O grupo *a* permite tanto uma forma quanto a outra (*ruinha* ~ *ruazinha*); o grupo *b* admite apenas *-zinho* (*diazinho*) para não ocorrer a crase entre a vogal tônica do radical e a vogal tônica do sufixo (*diinha* – **dinha*); já o grupo *c* aceita os dois sufixos (*historinha* ~ *historiazinha*).
- 5) Paroxítonas atemáticas: são aquelas que não apresentam vogal temática (*açúcar*). Os vocábulos com essa característica somente recebem *-zinho* (*açucarzinho*).
- 6) Oxítonas terminadas em /s/: neste caso, é difícil delimitar o radical e o sufixo, porque na forma diminutiva o /s/ passa a /z/, tornando imprecisa a distinção de qual forma foi agregada, já que o /z/ pode ser visto tanto como o fonema inicial do sufixo *-zinho* quanto o fonema final do radical, que sofre sonorização ao transformar-se em intervocálico com a junção de *-inho*. Entretanto, a forma *-zinho* é preferida (*cartazinho*).

Em relação à classificação, diz que:

a) *-zinho* é um vocábulo fonológico autônomo, auto-acentuado, sempre conserva o acento e apresenta a sua esquerda um limite vocabular. Além disso, o vocábulo ao qual se liga sempre aparece completo no plano morfológico, concorda com o artigo que antecede o substantivo, levando, dessa forma, a características parecidas com a classe gramatical do adjetivo.

b) *-inho* pode ser visto sob três hipóteses. A primeira considera *-inh* um infixos que seria colocado entre o radical e os sufixos flexionais (*moç* = radical *-inh* = infixos *a* = flexão = *mocinha*). Essa suposição, segundo Moreno, não é adequada, visto que a nossa língua não prevê em sua estrutura o sistema infixal. Outro motivo para descartá-la é que *-inho* sempre vai aparecer entre morfemas e não no interior deles, o que caracteriza o processo de infixação. A segunda hipótese classifica tal forma com um sufixo não-final ou derivacional, justamente, porque se localiza depois de um radical e antes dos sufixos flexionais dentro do vocábulo. Para Moreno, essa suposição também apresenta problemas, pois no processo derivacional ocorre a criação de uma palavra nova, o que não acontece com o acréscimo de *-inho* a um vocábulo primitivo. Na terceira hipótese, *-inho* é visto como um elemento autônomo justaposto que apresenta um limite vocabular ao juntar-se com outro vocábulo. Parece que essa classificação é a preferida por encontrar evidências em fatos concretos da língua.

Conforme Moreno (1977, p. 104),

[...] *-zinho*, por intervir no âmbito das locuções, tem sempre à sua esquerda os sufixos flexionais do primeiro elemento; *-inho*, participando da aglutinação (e o mesmo aconteceria se fosse justaposição), jamais terá antes de si marcas de flexão, já que, como vimos, a flexão interna é a característica distintiva das locuções.

Por fim, Moreno registra que *-zinho* como vocábulo fonológico é auto-acentuado e que ao anexar-se com outro vocábulo mantém o seu acento, evidenciando assim a autonomia dos elementos envolvidos. No nível morfológico mostra, também, seu *status* de independência, pois suas características permanecem inalteradas.

Já com *-inho*, o referido autor diz que ocorre a eliminação da sílaba tônica do primeiro elemento que, conseqüentemente, perde a vogal final, resultando num vocábulo fonológico único (processo de aglutinação). Apesar disso, há indícios que conduzem à condição de vocábulo autônomo, visto que mantém a nasalidade da vogal antes dele, como, por exemplo, em *cama* → *c[ã]minha*. Quanto ao plano morfológico, o vocábulo ao qual se liga não sofre mais a flexão, induzindo, desse modo, à idéia de que não constitui uma unidade independente. Com isso, Moreno pôde inferir que *-inho* tem um caráter sufixal.

2.5.2 Vieira (1978)

Vieira (1978) realizou um trabalho centrado no comportamento dos diminutivos *-inho* e *-zinho* no processo de formação de palavras, bem como na verificação de quais regras poderiam atuar nas diferentes manifestações superficiais desses sufixos. Visto que as gramáticas tradicionais não davam conta, satisfatoriamente, do comportamento de tais elementos, a autora buscou subsídios na Gramática Gerativa Transformacional (explicativa) a fim de trazer explicações mais claras e elucidativas em relação ao problema pesquisado.

No que diz respeito à classificação, a autora constatou que as gramáticas escolares não apresentam um consenso, já que ora classificam os diminutivos como flexão, ora como derivação. No entendimento de Vieira, Said Ali (1971) é o único teórico que deixa mais clara a distinção entre flexão e derivação, dando aos diminutivos e aos aumentativos uma classificação específica (1ª classe e 2ª classe). Em relação à distribuição, os autores, consultados por ela, dizem, na sua maioria, que a utilização de um ou de outro (*-inho* ou *-zinho*) depende da terminação do vocábulo, da acentuação, do ritmo da frase e do tipo de linguagem. A distribuição geral, a partir dos gramáticos vistos por Vieira, é a seguinte:

1) Usa-se *-inho* e *-zinho* em nomes terminados superficialmente em vogais simples, átonas:

livro → livrinho, livrozinho

cadeira → cadeirinha, cadeirazinha

2) Usa-se *-inho* com palavras terminadas em s ou z ou por uma dessas consoantes seguida de vogal:

país → paisinho

rapaz → rapazinho

princesa → princesinha

rosa → rosinha

3) Usa-se *-zinho* com os nomes terminados em sílaba nasal, ditongo, hiato, vogal tônica, *r*, *l*, e com os plurais:

irmão → irmãozinho

herói → heroizinho

baú → bauzinho

café → cafezinho

farol → farolzinho

mulher → mulherzinha

pães (s) + zinhos

funi (s) + zinhos

(Vieira, 1978, p. 22)

Vieira aponta que, segundo as gramáticas tradicionais, a origem dos diminutivos vem do latim, mais especificamente, da forma *-inus* que servia, inicialmente, para indicar animais novos e adquiriu, com o passar do tempo, a função de um sufixo diminutivo de caráter geral. Já ao mencionarem as formas básicas, as gramáticas tradicionais fazem referência à existência de duas entradas no léxico (*-inho* e *-zinho*), que serão selecionadas levando em conta o acento e a terminação da palavra primitiva. Por outro lado, alguns autores tratam o z como consoante de ligação por razões de eufonia, considerando apenas uma forma básica *-inho*.

Sob a perspectiva de Vieira, entre os gramáticos que seguem a linha estruturalista, Mattoso Câmara (1976) é o que traz uma descrição mais coerente em relação aos diminutivos. Para ele, conforme Vieira (1978, p. 27), “o diminutivo é um sufixo, que faz parte da derivação e expressa grau. O autor fala em

expressão de grau, por meio de sufixo derivacional (processo formador de palavras)”.

Tal autora utilizou em sua análise os pressupostos da Fonologia Gerativa, apresentando três hipóteses. A primeira considera as duas formas, *-inho* e *-zinho*, no léxico. Contudo, de acordo com Vieira, essa hipótese apresenta alguns inconvenientes, já que não prevê a alternância entre elas e, além disso, se torna muito extensa, porque há a necessidade de especificar os contextos de utilização de cada uma.

Em relação à segunda hipótese, esta consiste em considerar *-inho* como a forma subjacente, tendo em vista a sua origem latina de *-inus* → *-inho*. Assim, a aplicação de regras morfológicas e fonológicas no processo derivacional daria conta do surgimento da variante *-zinho* através da inserção de *z*. Porém, tal hipótese tem, também, desvantagens como a utilização de dois tipos de regras (uma obrigatória e outra opcional) para a inserção de *z* e a formulação de regras muito específicas para estabelecer os ambientes de ocorrência tanto de *-inho* quanto de *-zinho*, tornando-a pouco viável.

A terceira hipótese propõe que *-zinho* é a forma básica num processo de formação de palavras por composição. Por exemplo, em *capitão + zinho* há dois vocábulos / nomes que apresentam acentos individuais, significando, com a junção, um terceiro conceito. Segundo Vieira (1978, p. 130), “observou-se que a forma ideal para a base dos diminutivos é ‘zinho’. Pois é mais natural ao português, existirem palavras compostas pela aglutinação, onde caem elementos, do que compostas pela adição de elementos”. Dessa forma, a eliminação do *z* aconteceria através de uma regra morfológica opcional nos compostos que se formam por aglutinação (*bola* → *bolinha*), mas apenas para os nomes, porque pronomes, artigos e numerais preferem *-zinho* apesar de apresentarem contexto para a utilização de *-inho*. Para exemplificar, na palavra *bola* seria aplicada a regra de truncamento da vogal temática *a*, depois da queda do *z*, obtendo o diminutivo com *-inho*. Para a autora, essa hipótese é a mais vantajosa, visto que a forma *-zinho* tem uma aplicação mais geral, tornando a gramática mais fácil de ser entendida nesse aspecto.

A partir da análise de várias palavras, a referida autora obteve uma ordem de aplicação das regras, na qual os nomes simples possuem somente um ciclo com a ocorrência de regras morfológicas e fonológicas; já os nomes compostos por justaposição apresentam dois ciclos com regras morfológicas e fonológicas e os nomes formados por aglutinação têm três ciclos, sendo que no segundo aplicam-se somente as regras morfológicas.

Ademais, Vieira apontou que o diminutivo *-zinho* concorda em gênero e número com a base à qual se anexa, independente do segmento final, o que não acontece ao tratar-se do diminutivo *-inho*. Nesse sentido, *-zinho* forma palavras por justaposição, ao passo que *-inho* por aglutinação. Para dar conta dessa concordância, ela propõe a inserção de uma regra (regra morfológica de substituição de vogal temática *o* → *a*) para *-zinho* antes do truncamento da vogal temática da base e depois do apagamento de *z*, valendo somente para nomes masculinos terminados em *a* átono, como em *o mapa* → *o mapinha*.

Vieira concluiu, então, que:

1) as gramáticas tradicionais não trazem um estudo mais aprofundado dos diminutivos, o que gera uma lacuna na descrição da Língua Portuguesa. Da mesma forma, a gramática estrutural não explica, claramente, o funcionamento dos diminutivos;

2) na distribuição de *-inho* e *-zinho*, há exceções nas regras ao tratar-se, por exemplo, dos nomes paroxítonos que, conforme a regra geral, utilizam a forma *-inho*, mas em algumas palavras aplicam *-zinho*;

3) em relação às hipóteses desenvolvidas, a que considera *-zinho* a forma básica é a que fornece respostas e soluções mais coerentes para o comportamento dos diminutivos. Portanto, o processo que ocorre ao anexar *-inho* e *-zinho* a uma base chama-se composição, que pode ser por justaposição, quando anexar *-zinho*, e por aglutinação, quando anexar *-inho*.

2.5.3 Bisol (1992)

Em seu artigo *O acento: duas alternativas de análise*, Bisol (1992) apresenta uma análise do acento, sob dois enfoques, com base no modelo de Halle & Vergnaud (1987). O referido modelo utiliza para o acento uma grade métrica,

valendo-se tanto da teoria da árvore (que representa através de um diagrama arbóreo a organização hierárquica do material fonológico) quanto da teoria só-grade (na qual o material fonológico tem estrutura autônoma e é representado em três níveis). Segue a ilustração desse modelo:

(*)	linha 2
(* .) (* .)	linha 1
(* *) (* *)	linha 0

bor bo le ta

(Bisol, 1992, p. 4)

Na linha 0, as moras ou sílabas se alinham em constituintes, na linha 1 são projetados os cabeças da linha anterior, já na linha 2 se projeta o cabeça da palavra que se origina da união das linhas 1 e 2.

A grade métrica deve ser constituída da seguinte maneira:

a. Construa constituintes na linha L.

Parâmetros: (i) cabeça terminal ou não

(ii) cabeça localizada à direita, no meio ou à esquerda

(iii) constituinte limitado ou ilimitado

(iv) iterativo ou não (se envolve toda a palavra ou não)

(v) governo (se os constituintes se estabelecem a partir da borda direita ou esquerda da palavra)

b. Localize as cabeças na linha L+1

Parâmetros: (vi) constituintes limitados ou ilimitados

c. Localize a(s) cabeça(s) de L1 na linha L+2

d. Fusão das últimas linhas, com preservação do asterisco de periferia

(Bisol, 1992, p. 5-6)

Bisol ressalta que o acento em português não ultrapassa a terceira sílaba, contando da borda direita da palavra. A autora faz referência, também, à distinção entre verbos e não-verbos quanto à estrutura morfológica. Os primeiros são constituídos por radical, vogal temática, morfema de modo-tempo-aspecto e morfema de número-pessoa, distinguindo-se pela vogal temática (-a, -e, -i), enquanto que os não-verbos compreendem o radical mais a desinência (vogal temática e marca de número), dividindo-se em dois grupos: palavras com vogal temática e palavras sem vogal temática.

Tomando por base todas as palavras terminadas nas consoantes L, R, S coletadas de cinco volumes do dicionário de Caldas Aulete – 1958, Bisol verificou que a regra geral para palavras terminadas em consoante é acento na última sílaba a contar da borda direita; já para as palavras que apresentam ks na posição final o acento recai na segunda sílaba.

A primeira alternativa de análise do acento estipula a criação de constituintes ilimitados tanto na linha 0 quanto na linha 1, sendo insensível ao peso silábico. Quanto ao domínio do acento, para não-verbos é a palavra lexical, enquanto que para os verbos é a palavra morfológica. Cabe salientar que para verbos e não-verbos as regras de acento operam no mesmo componente lexical, em se tratando de Fonologia Lexical, mas com a restrição de a palavra estar pronta quando se tratar de verbos.

Regras de atribuição do Acento Primário

- a. O domínio do acento é a palavra.
- b. Os portadores de acento são as vogais que compõem o núcleo silábico.
- c. A extrametricidade⁸ incide sobre a última vogal do domínio do acento com *status* de desinência.
Estrutura métrica:
- d. Linha 0: constituinte ilimitado, cabeça à direita, com projeção da cabeça na linha 1. Governo: direita/esquerda
- e. Linha 1: constituinte ilimitado, cabeça à direita, com projeção da cabeça na linha 2.
- f. Linha 2: fusão das linhas 1 e 2 com preservação do asterisco mais à direita.

(Bisol, 1992, p. 15)

Exemplifica-se tal procedimento com a palavra *café*, que constitui uma forma simples e não-verbo. O exemplo abaixo foi retirado de Bisol (1992, p. 15-16).

/kafE/	léxico
/kafE/	domínio
a E	portadores (b)
—	Ex (c)
(* *)	linha 0 (d)
(. *)	linha 1 (e)
—	ASP (Adjunção da Sílaba Perdida)
(*)	linha 2 (f)
[kafE']	

⁸ Recurso utilizado para explicar por que o acento não cai na última sílaba, mas na penúltima ou na antepenúltima, ajustando a palavra prosódica ao domínio das regras gerais de atribuição do acento. O elemento extramétrico está sempre na periferia da palavra.

Em relação às palavras derivadas, estas estão sujeitas à Condição de Apagamento de Acento, que apaga as informações relativas ao acento contidas nos ciclos anteriores se o afixo anexado não for o domínio do acento. Abaixo a ilustração:

		Ciclo 1
/kafE/	/kafE/ + /zinho/	
/kafE/		domínio (Condição de Apagamento de Acento)
a E		portadores
(* *)		linha 0
(. *)		
		Ciclo 2
	/kafEziño/	domínio (Condição de Apagamento de Acento)
	(* *)	
	(a e) i o	portadores
	<0>	extramétrico
	(* *) (*)	linha 0
	(. * *)	linha 1
	(* . *)	evite choque acentual
	(* . * .)	ASP (Adjunção da Sílabá Perdida)
	(. . * .)	linha 2
(*)	(*)	saída
[kafE']	[kafEziñu]	

(Bisol, 1992, p. 24)

Nesse exemplo, quando a palavra *cafezinho* passa para o ciclo 2 carrega o constituinte prosódico que formou na linha 0 do ciclo 1, adquirindo uma estrutura métrica. Dessa forma, fica evidenciado que o sufixo derivacional *-zinho* é o domínio para a aplicação da regra de acento.

Tratando-se de verbos, a extrametricidade recai sobre a vogal temática (VT), o morfema de modo-tempo-aspecto (MTA) e, também, pode incidir sobre o morfema de número-pessoa (NP). Conseqüentemente, o domínio da extrametricidade, bem como do acento, são todos os componentes morfológicos da palavra. Devido a isso, a extrametricidade na classe verbal, diferentemente da classe não-verbal, deve ser refeita para adequar-se a tais casos. Então, a regra da extrametricidade para a classe verbal é a que segue:

- a. Marque como extramétrica a rima final se essa contiver uma consoante com status de flexão.
- b. De outra forma, marque a vogal final com status de desinência.

Segue um exemplo de atribuição de acento para a primeira pessoa do plural do presente do indicativo:

/kostur+a+mos/	léxico
/kosturamoS/	domínio
o u a o	portadores
<oS>	extrametricidade (conforme a mencionado acima)
(* * *)	linha 0
(. . *)	linha 1
(. . * .)	ASP (Adjunção da Sílabá Perdida)
(*)	linha 2
[kosturámus]	saída

(Bisol, 1992, p. 29)

A segunda visão de análise do acento postula constituintes binários e é sensível ao peso silábico⁹, demonstrando ser uma análise mais simplificada em relação à primeira.

Regra do Acento Primário

Domínio: a palavra morfológica

- i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, isto é, sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não-iterativamente) com proeminência à esquerda, de tipo (* .), junto à borda direita da palavra.

(Bisol, 1992, p. 34)

No que concerne à classe dos não-verbos (nomes, adjetivos, entre outros), é necessário salientar, primeiramente, que a extrametricidade apresenta aspectos diferenciais em comparação com a classe dos verbos. Dessa forma, naqueles a extrametricidade é atribuída como um diacrítico lexical a classes minoritárias, a

⁹ Sílaba leve (casa, fósforo) Sílaba pesada (pomar, troféu)

saber: palavras com acento na terceira sílaba e palavras terminadas em consoante ou ditongo com acento não-final.

A seguir, um exemplo de aplicação da regra de acento para os não-verbos:

/util/	domínio
u til	silabação
<l>	extrametricidade {coda}
(* .)	Formação de Constituintes Prosódicos
(*)	Regra final
[útil]	saída

(Bisol, 1992, p. 38)

No que tange aos verbos, a sílaba leve é toda a sílaba final terminada em *S* ou *N* desde que seja desinência. Com respeito à extrametricidade, há características específicas, que são mencionadas abaixo:

Marque como extramétrico

- i. A sílaba final da primeira e da segunda pessoa do plural das formas de imperfeito.
- ii. Nos demais casos, marque a coda que porte elementos com *status* de flexão, ou seja, {N,S}.

(Bisol, 1992, p. 43)

Segue a ilustração:

Radical	VT	MTA	NP	
fal	a	va	S	domínio
fa la vaS				silabação
<S>				extrametricidade (conforme <i>ii</i> referido acima)
(* .)				Formação de Constituintes Prosódicos
(*)				Regra final
[falavas]				saída

(Bisol, 1992, p. 46)

De acordo com Bisol, a distribuição do acento e dos sufixos *-inho* e *-zinho* em português é a seguinte:

1) o padrão geral de acentuação é constituído por palavras terminadas em vogal, com acento na segunda sílaba sempre a partir da borda direita. Essa classe, que são as paroxítonas, prefere a forma *-inho* (*carta – cartinha* e não *cartazinha*);

2) palavras com acento na terceira sílaba terminadas em vogal temática ou de gênero, denominadas proparoxítonas, aceitam *-zinho* (*número – numerozinho* e não *numerinho*);

3) palavras acabadas nas consoantes /R, L, S/, sem a presença da vogal temática, levam acento na sílaba final e optam por *-zinho* (*jornal – jornalzinho*). Em especial, as oxítonas terminadas em /S/ têm uma peculiaridade por admitirem os dois diminutivos mencionados acima. Seguramente, isso se deve ao fato de que ocorre um processo de sonorização quando dois segmentos sibilantes idênticos se encontram, como em *português + inho → portuguesinho* e *português + zinho → portugueszinho → portuguesinho*;

4) prefere *-zinho*, também, uma classe que apresenta acento na segunda sílaba, porém em menor quantidade. São palavras terminadas somente em consoante (*útil – utilizinho* e não *utilinho*);

5) palavras acabadas em consoante de acento na terceira sílaba ou de acento na segunda sílaba com ditongo na sílaba final escolhem o elemento *-zinho* (*Júpiter – Jupiterzinho, júnior – juniorzinho*);

6) palavras terminadas em ditongo oral recebem acento na sílaba final e optam por *-zinho*. Se o ditongo estiver sujeito à substituição por uma única vogal, levam acento na segunda sílaba (*troféu – trofeuzinho, jérsei > jersi – jerse(i)zinho*);

7) palavras com final em nasal recebem acento na última sílaba, exceto algumas, e optam pela forma *-zinho* (*irmão – irmãozinho*);

8) palavras acabadas em *-EN*, na maioria das vezes, levam acento na segunda sílaba, excepcionalmente em alguns casos levam acento na sílaba final, e preferem *-zinho* (*homem – homenzinho, armazém – armazenzinho*);

9) palavras terminadas em vogal do radical recebem acento na sílaba final. Essas oxítonas, também, optam por *-zinho* (*chá – chazinho*).

Por fim, Bisol expõe, ainda, que a segunda abordagem é mais adequada à atribuição do acento, pois restringe o uso do conceito da extrametricidade, não apaga asteriscos e nem se vale de alguns recursos utilizados pela primeira perspectiva. Dessa forma, mais viável e com menos regras, a alternativa que considera o peso silábico dá conta da acentuação na língua.

2.5.4 Menuzzi (1993)

Segundo Menuzzi (1993), os diminutivos, mais especificamente *-inho/-zinho*, são muito produtivos no processo derivacional do português brasileiro. Conforme tal autor, esses elementos são praticamente idênticos quanto à sua forma, surgindo disso a dúvida se eles são diferentes manifestações superficiais de um mesmo morfema subjacente. A suposição mais usual diz que *-inho* é um tipo de entidade morfológica desconhecida, ao passo que *-zinho* é uma palavra independente. Sob a perspectiva de Menuzzi, há um morfema diminutivo subjacente com uma forma parecida à de *-zinho* e que se comporta como sufixo. Essa forma sofre modificações ao juntar-se com a palavra nominal, apresentando-se na representação superficial de distintas maneiras. Já *-inho* é o resultado do processo de ressilabação provocado pela estrutura métrica da palavra derivada.

Para ele, o morfema diminutivo se liga à classe dos nomes e sua aplicação se alterna entre *-inho* e *-zinho*, dependendo da estrutura morfológica e do padrão de acento da palavra envolvida. Tal classe gramatical se divide em palavras com vogal temática (que a perdem no processo derivacional, como em *porta – portinha*), conhecidas como nomes temáticos, e palavras sem vogal temática, denominadas nomes não-temáticos, (por exemplo, *urubu*). Neste caso, a vogal u

não é vogal temática, porque faz parte da base derivacional da palavra e, conseqüentemente, não desaparece ao acrescentar um sufixo.

Com referência ao acento, Menuzzi diz que os nomes seguem o seguinte padrão: os não-temáticos terminados em consoante podem recebê-lo na sílaba final ou na penúltima (*mo'tor*, *'facil*); acabados em vogal devem tê-lo na sílaba final (*abacaxi*); quanto aos nomes temáticos, o acento cai na penúltima sílaba (*ro'leta*) e, por fim, há palavras que levam o acento na antepenúltima sílaba (*'perola*).

Menuzzi traz, ainda, algumas características essenciais de *-inho/-zinho*. No que concerne às propriedades morfológicas e distribucionais, *-inho* é agregado a nomes temáticos que têm acento na penúltima sílaba (*'casa – casinha*) e os nomes não-temáticos utilizam *-zinho* (*fu'nil – funilzinho*). Contudo, tal distinção não é suficiente para determinar a alternância do diminutivo, visto que nomes temáticos com acento na antepenúltima sílaba também elegem *-zinho* (*'idolo – idolozinho*). Além disso, *-inho* adota a vogal temática da base nominal independente do seu gênero (*a tribo – a tribinho*), enquanto que *-zinho* se mostra diferente, porque escolhe *-o* ou *-a*, conforme o gênero do nome (*a dor – a dorzinha*), ou seja, se percebe, neste último, a concordância de gênero entre o diminutivo e a base à qual se liga.

Alguns sufixos têm a propriedade de mudar o padrão de acento do nome, alterando inclusive a vogal média-baixa (*ɛ, ɔ*) para uma vogal média-alta não acentuada (*e, o*), como em *ca'fɛ – cafe'zal*. Ao contrário, *-inho* e *-zinho* não possuem essa mesma capacidade, modificando somente a localização acentual da sílaba, como em *'medico – medico'zinho*, *roda – ro'dinha*. Outra propriedade inerente ao elemento *-zinho*, é que ele preserva a estrutura morfológica da palavra flexional (a vogal temática não é apagada) e as mudanças morfofonológicas decorrentes da flexão de plural (*cão – cãozinho*, *cães – cãezinhos*). Em relação à *-inho*, este se anexa a nomes flexionais pela evidência das raízes alternantes baseadas no contraste entre vogal média-alta e média-baixa (*'p[o]rco – 'p[ɔ]rca*, respectivamente). Tais alternâncias surgem da presença do feminino ou da flexão de plural (*'s[o]gro – masculino; 's[ɔ]gra – feminino*). Entretanto, *-inho* não se acrescenta a raízes, cuja forma apresenta masculino

singular não-marcado se há um condicionamento alomórfico pela marca de feminino e flexão de plural no nome (*'s[o]gro* – masculino singular não-marcado; *'s[ə]gra* – marca de feminino → *'s[ə]grinha* e não *'s[o]grinha*).

Com isso, Menuzzi classifica *-inho* como um sufixo, já que ele aparece entre a base derivacional e a vogal temática da palavra (*generos* = base derivacional *inh* = sufixo *o* = vogal temática → *generosinho*). Quanto a *-zinho*, concentra características de palavra morfológica independente pelo fato de não alterar a base, concordar em gênero com a palavra à qual se anexa, assemelhando-se assim ao comportamento dos adjetivos.

No que tange ao diminutivo *-zinho*, Menuzzi observa um comportamento duplo: quando se trata de nomes temáticos acentuados na antepenúltima sílaba (*e'xercito* – *e.xer.ci.to.'zi.nho*), *-zinho* se comporta como palavra prosódica e quando se trata de nomes não-temáticos acentuados na sílaba final (*joga'dor* – *jo.ga.dor.'zi.nho*), *-zinho* se comporta como sufixo. Já *-inho* se comporta como um sufixo, visto que sua localização é a mesma dos outros sufixos (entre a base derivacional e a vogal temática) e, ainda, ele engatilha o modelo de acento padrão, que é o não-marcado, dos nomes temáticos como em *to.'ma.te* – *to.ma.'ti.nho*. Além disso, *-inho* é preferido quando se trata de nomes temáticos com acento na penúltima sílaba. Nesse caso, ocorrem modificações, resultantes da interação de regras fonológicas, dentro da série que levam à formação desse sufixo.

De acordo com Menuzzi, os padrões principais de acento primário para os nomes e a sua atribuição são os seguintes:

a. Padrão não-marcado

- i) nomes temáticos com acento na penúltima sílaba
- ii) nomes não-temáticos com acento na sílaba final

b. Padrão marcado

- i) nomes temáticos com acento na antepenúltima sílaba
- ii) nomes não-temáticos com acento na penúltima sílaba

c. Domínio

- i) acento = base derivacional
- ii) extrametricidade = base derivacional

d. Elementos marcados

- i) acento = rima
- ii) extrametricidade = rima

e. Construção do constituinte métrico

- i) pé limitado com cabeça à direita, partindo da direita para esquerda
- ii) palavra ilimitada com cabeça à direita
- iii) a extrametricidade deve estar na borda direita do domínio

(Menuzzi, 1993, p. 12)

Ademais, registra que a base derivacional e a vogal temática são os constituintes básicos dos nomes, sendo que a base derivacional é a saída do componente derivacional da morfologia e a vogal temática é preenchida pelas vogais *-a* e *-o*. Estabelece, também, a distinção entre vogal temática e vogal epentética. Enquanto esta não está incluída no plano morfológico por ser introduzida pela regra de silabificação, aquela sempre está associada à estrutura morfológica, fazendo parte do plano morfológico.

Por fim, Menuzzi observa que a sufixação de *-zinho* não envolve um simples processo de concatenação de planos morfológicos como ocorre com outros sufixos, sendo mais do que isso, ou seja, *-zinho* cria uma nova série através da cópia da estrutura morfológica do material da base, resultando assim em dois planos morfológicos para a cadeia. Tal processo caracteriza o padrão principal da formação do diminutivo.

2.5.5 Schulz (1997)

Tal autora investigou o uso dos diminutivos na fala de homens e mulheres nas cidades de Porto Alegre e São Borja, com o objetivo precípua de averiguar se

há, realmente, diferença significativa quanto à utilização dos diminutivos em ambos os sexos.

Para tanto, Schulz valeu-se dos pressupostos teóricos da Teoria da Variação, conforme Labov, para verificar o uso dos diminutivos. Em relação ao método de análise, utilizou o pacote VARBRUL, que permite a análise estatística dos dados, e escolheu o uso de todos os diminutivos como a variável dependente controlada. Quanto ao *corpus* do trabalho, obtido através do Projeto VARSUL, constituiu-se de 44 entrevistas feitas com homens e mulheres de duas faixas etárias (menos de 50 anos e mais de 50 anos) moradores de Porto Alegre e São Borja. A variável elencada na categoria lingüística foi classe gramatical; já na categoria extralingüística, foram escolhidas sexo do informante, sexo do entrevistador, faixa etária e localização geográfica.

Em relação aos resultados, a primeira variável considerada importante foi a classe gramatical, que indicou maior uso dos diminutivos nos adjetivos (0,67), seguido pelos substantivos (0,62), pronomes indefinidos (0,43) e advérbios (0,28). A segunda e última variável considerada significativa foi o sexo do informante, mostrando que as mulheres aplicam mais o diminutivo do que os homens. Os índices são (0,60) e (0,41), respectivamente. Para a variável sexo do entrevistador, os valores mostraram que há uma probabilidade maior de utilização do diminutivo quando o entrevistador é do sexo feminino. Em relação à faixa etária, a probabilidade de ocorrência foi de 0,49 para pessoas com menos de 50 anos e 0,51 para indivíduos com mais de 50 anos, apontando que a faixa etária mais velha usa um pouco mais o diminutivo. Quanto à localização geográfica, Porto Alegre mostrou-se mais favorecedor à utilização do diminutivo.

Além disso, Schulz realizou vários cruzamentos (como sexo do entrevistador e localização geográfica, sexo e idade do informante), com o objetivo de verificar se as correlações seriam significativas para o seu estudo. Conforme a autora, a variável sexo do entrevistador mostrou-se expressiva quando cruzada com outras variáveis. Ela salientou, ainda, que as formas diminutivas mais recorrentes no seu estudo foram *-inho/a* e *-zinho/a* devido ao fato de tais diminutivos serem altamente produtivos no português brasileiro.

Schulz concluiu que existem diferenças no modo de expressão tanto de homens quanto de mulheres no que tange ao emprego dos diminutivos. Ademais,

o sexo feminino é o que mais os utiliza, principalmente nas classes de adjetivos e substantivos. No que concerne às cidades verificadas, Porto Alegre aplica com mais freqüência os diminutivos, sobressaindo-se a faixa etária mais jovem. Já em São Borja, são as pessoas mais velhas que preferem usá-los.

Pode-se dizer, a partir do exposto, que a distribuição dos diminutivos *-inho* e *-zinho*, nos vocábulos nominais do português brasileiro, está relacionada à tonicidade da palavra, ou seja, quando se tratar de oxítone utiliza-se *-zinho* (*menorzinho* e não *menorinho*); quando for paroxítone emprega-se *-inho* (*ventinho* e não *ventozinho*); e quando for proparoxítone usa-se *-zinho* (*maquinazinha* e não *maquininha*).

Diferentemente, em certas classes de palavras da língua espanhola, conforme Harris (1983), a escolha dos diminutivos *-ito* e *-ecito* vai depender do número de sílabas da palavra-base na sua estrutura subjacente. Por exemplo, uma palavra com duas sílabas seleciona *-ecito* / *-ecita* como em *madre* → *madrecita*; já uma base trissilábica elege o sufixo *-ito* / *-ita* como em *comadre* → *comadrita*. Assim, a distribuição de tais diminutivos é condicionada, essencialmente, por razões de ordem morfológica, ao passo que no português brasileiro são os fatores prosódicos responsáveis pela distribuição de *-inho* e *-zinho*.

Aqui, finalizamos este capítulo que trouxe as principais idéias das teorias utilizadas nesta pesquisa, além dos estudos que já tiveram como tema os diminutivos, principalmente *-inho* e *-zinho*.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia empregada neste trabalho. A amostra é constituída de dados de fala oriundos do Projeto VARSUL e de um teste de produtividade.

Iniciaremos com as informações referentes ao VARSUL; em seguida, falaremos sobre o experimento e, por fim, sobre a análise e tratamento dos dados obtidos através dos dois *corpora*.

3.1 Dados extraídos do VARSUL

3.1.1 Informações sobre o VARSUL¹⁰

Os dados utilizados neste estudo fazem parte do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana no Sul do País), que tem por objetivos oferecer:

- a. subsídios para a descrição do português falado no País;
- b. condições para teste e desenvolvimento de teorias lingüísticas;
- c. condições para formação de novos pesquisadores;
- d. subsídios para programas educacionais, promovendo o conhecimento e o respeito às variedades lingüísticas.

Tal banco de dados é constituído de amostras de fala de habitantes de 12 cidades, 4 em cada estado, totalizando 96 entrevistas por estado e 288 no todo. O seu período de coleta ocorreu de 1990 a 1996 nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

¹⁰ Fonte: www.pucrs.br/varsul

Os informantes estão distribuídos por sexo (homem e mulher), idade (25 a 50 anos e mais de 50 anos), nível de instrução (até 5, até 8/9 e 11/12 anos de escolaridade), variedades lingüísticas (grupos culturalmente representativos).

A coleta dos dados foi feita através de entrevistas, com duração de 60 minutos cada uma, nas quais o entrevistador perguntava ao informante sobre diversos assuntos, tais como família, trabalho, etc.

3.1.2 População

A população é formada por falantes brasileiros monolíngües dos municípios de Porto Alegre e Curitiba.

3.1.3 Composição da amostra

Uma parte dos dados utilizados neste trabalho faz parte do projeto supracitado. O *corpus* é composto por doze informantes da cidade de Porto Alegre e doze de Curitiba, totalizando vinte e quatro entrevistas. Quanto ao sexo, são seis homens e seis mulheres de cada localidade. Em relação à faixa etária, está dividida em mais de 50 anos e menos de 50 anos. No que diz respeito à escolaridade, foram selecionados sujeitos com primário, ginásio e secundário.

3.1.4 Coleta de dados

Foram ouvidas as fitas de áudio acompanhadas de suas transcrições, a fim de levantar as palavras que apresentassem os sufixos *-inho* e *-zinho*, foco deste estudo.

3.2 Dados extraídos do teste de produtividade

3.2.1 População

A população é formada por sujeitos monolíngües, falantes de português brasileiro, residentes na região metropolitana de Porto Alegre.

3.2.2 Composição da amostra

Os informantes foram escolhidos aleatoriamente, respeitando-se o nível de escolaridade de ensino médio completo, visto que pessoas com baixo grau de instrução teriam maior dificuldade em ler as pseudopalavras contidas no questionário.

O *corpus* é formado por vinte entrevistados, sendo 11 mulheres e 9 homens, com faixa etária entre 18 e 47 anos e que possuem ensino médio completo.

3.2.3 Constituição do teste

O teste de produtividade consiste num questionário, contendo pseudopalavras, com o intuito de obter a resposta dos entrevistados em relação ao uso de *-inho* e *-zinho* em um determinado contexto. Seu principal objetivo é o controle do item vocabular, verificando se há uma possível variação para a mesma palavra quanto à utilização de tais sufixos.

O referido experimento é composto por dez pares de frases, contendo as duas possibilidades de aplicação dos sufixos em estudo. Cada entrevistado optou por uma das alternativas, escolhendo a expressão diminutiva, conforme a sua intuição e o seu conhecimento.

Para a elaboração do teste, partimos de palavras-base, segundo o padrão acentual da língua, para chegar até a pseudopalavra através da mudança do modo ou do ponto de articulação dos segmentos envolvidos, respeitando sempre a estrutura fonotática da língua. O quadro 1, a seguir, mostra isso.

Quadro 1

Palavras-base e as pseudopalavras correspondentes

PALAVRA-BASE	PSEUDOPALAVRA
esfera	osvine
película	bunégona
Pará	bilá
número	támelo
febril	voprul
caixa	goija
data	teda
lápide	népoto
cipó	zibé
café	gafó

Dessa forma, temos quatro oxítonas (bilá, voprul, zibé e gafó), três paroxítonas (osvine, goija e teda) e três proparoxítonas (bunégona, támelo e népoto), totalizando dez pseudopalavras. O modelo do teste de produtividade aplicado consta no anexo III, p. 94.

3.2.4 Coleta de dados

Para a obtenção dos dados, o experimento foi aplicado de maneira pessoal e individual. Primeiramente, o informante leu a frase que continha a forma primitiva da pseudopalavra, para que o pesquisador pudesse verificar se a tonicidade seria pronunciada corretamente. Depois disso, o entrevistado leu as duas frases, uma com *-inho* e a outra com *-zinho*, indicando com qual opção faria o diminutivo. O informante respondeu somente falando, sendo de responsabilidade do pesquisador a marcação das respostas no teste. Com o objetivo de aprimorar o instrumento de pesquisa, foi realizado um teste-piloto escrito antes dessa etapa oral.

3.3 Tratamento e análise dos dados

3.3.1 Pacote de programas

As ocorrências obtidas por meio do Projeto VARSUL e do teste de produtividade foram submetidas à análise computacional dos programas CHECKTOK, READTOK e MAKE3000 pertencentes ao pacote VARBRUL 2S. Para essa análise quantitativa dos resultados, consideramos somente as frequências, já que não se trata de um fenômeno tipicamente variável.

O programa CHECKTOK “realiza um tipo de comparação entre os símbolos do arquivo de dados e os símbolos do arquivo de especificação” (Brescancini, 2002, p. 26). Para isso, utiliza como *input* o arquivo de dados e o de especificação de fatores. Caso haja algum erro, esse programa indica, para que se faça a devida correção. O arquivo de dados é formado por uma seqüência de códigos relevantes para a pesquisa e, também, pelo contexto lingüístico que ocorre a regra em estudo. O arquivo de especificação de fatores é constituído de uma lista com todos os símbolos das variáveis envolvidas (variável dependente e variáveis independentes).

O arquivo gerado pelo CHECKTOK servirá de entrada para o próximo programa, o READTOK, que tem como função

ler as cadeias do arquivo corrigido e escrevê-las em um arquivo de ocorrências, eliminando qualquer informação que não seja relacionada aos símbolos necessários à identificação do ambiente da regra variável, como os parênteses iniciais das cadeias de codificação, as transcrições das ocorrências, etc (Brescancini, 2002, p. 26).

Na seqüência, usa-se o programa MAKE3000, que precisa do arquivo de ocorrências e do arquivo de condições. Este último é composto pelo número de grupos de fatores, que contém a variável dependente e as variáveis independentes, sem os contextos de ocorrência. Esse arquivo possibilita a realização das amalgamações (junção de fatores quando a diferença entre eles é pouco significativa ou quando algum fator apresentar *knockouts*, que são caracterizados pela aplicação de 0 ou 100% da regra).

O arquivo de células gerado pelo MAKE3000 fornece as percentagens de aplicação da regra em estudo para cada variável de maneira individual e, também, informa os *knockouts*, que deverão ser eliminados pelo pesquisador no arquivo de condições.

Após essas etapas, utiliza-se um dos seguintes programas VARB2000, TVARB ou MVARB, dependendo do número de variantes da pesquisa. O primeiro é utilizado para análises binárias, o segundo para análises que comportam três variantes e o último deles para análises com quatro ou cinco variantes. Tais programas informam os pesos relativos de cada fator envolvido.

Além dos programas supracitados, existem outros, tais como o TEXTSORT, que permite a cópia de todas as ocorrências para um novo arquivo; o TSORT, que permite a criação de um arquivo com os dados selecionados pelo pesquisador; o CROSSTAB, que realiza o cruzamento entre os grupos de fatores, indicando um valor percentual.

Depois de executados todos esses procedimentos, de acordo com as necessidades da pesquisa, o pesquisador deve interpretar os resultados estatísticos e probabilísticos obtidos, apontando quais as variáveis são favorecedoras ou inibidoras da regra em estudo. Para isso, utiliza-se uma escala organizada de 0 a 1, sendo 0,5 o ponto neutro. Dessa forma, valores abaixo do ponto neutro não atuam como favorecedores, enquanto que valores acima desse ponto favorecem a aplicação do fenômeno estudado.

Para o presente estudo, não fizemos uso de todo o pacote VARBRUL 2S, ou seja, utilizamos até o programa MAKE3000, já que nos interessava apenas as percentagens de cada fator envolvido.

3.3.2 Tratamento dos dados do VARSUL

As variáveis utilizadas são as que seguem.

3.3.2.1 Definição das variáveis

3.3.2.1.1 Variável dependente

3.3.2.1.1.1 Sufixo *-zinho*

Escolhemos o sufixo *-zinho* para ser a variável dependente controlada por parecer menos marcado em relação à *-inho*, já que a palavra-base não costuma sofrer alterações morfológicas e fonológicas ao recebê-lo.

3.3.2.1.2 Variáveis independentes

3.3.2.1.2.1 Variáveis lingüísticas

3.3.2.1.2.1.1 Classe gramatical

Para atender a nossa primeira hipótese, “nomes (substantivos e adjetivos) tendem a apresentar mais formações com *-inho* e *-zinho* do que outras classes gramaticais”, analisamos o emprego de tais sufixos, conforme as seguintes classes gramaticais:

a) Nomes

substantivo (carro)

adjetivo (bonito)

b) Não-nomes

advérbio (pouco)

pronome (tudo)

outros (correndo)

3.3.2.1.2.1.2 Tonicidade

Considerando a nossa hipótese de que “a tonicidade pode exercer influência na distribuição de *-inho* e *-zinho*”, torna-se essencial averiguar como eles se comportam de acordo com o padrão acentual da língua.

- a) oxítona (português)
- b) paroxítona (pivete)
- c) proparoxítona (símbolo)

3.3.2.1.2.1.3 Segmento final da forma primitiva

Levando em consideração a terceira hipótese, “há uma provável influência do segmento final da forma primitiva da base no emprego de tais sufixos”, analisamos a classificação que segue:

- a) vogal baixa (*a*), vogal média-baixa frontal e posterior (*ɛ, ɔ*) – cerveja, café, bocó
- b) -e, -o primitivos – carne, aparelho
- c) -i, -u primitivos – guri, sarau
- d) terminados em -s / -z – português, cruz
- e) terminados em -r / -m – menor, homem
- f) terminados em -l – avental

3.3.2.1.2.1.4 *Onset* da sílaba final

Tendo em vista a quarta hipótese, “o *onset* da sílaba final parece contribuir na determinação de qual sufixo será utilizado”, estabelecemos a análise de cinco categorias:

- a) nasal dorsal (*ŋ*) – vinho
- b) labiais (*m, p, b*) – turma, tempo, futebol,
- c) coronais (*t, d, s, n*) – festa, escada, praça, pequena
- d) dorsais (*k, g, ʎ*) – música, fogo, melhor
- e) *onset* vazio – paiol

3.3.2.1.2.2 Variáveis extralingüísticas

Apesar de as variáveis sociais não serem relevantes para a caracterização de alternâncias, neste estudo elas são verificadas, já que o nosso foco é o uso de *-inho* e *-zinho*. Assim, selecionamos para investigação sexo, faixa etária, escolaridade e localidade descritos abaixo. A inclusão da variável localidade justifica-se, ainda, pela sub-hipótese de que enquanto a cidade de Curitiba parece ter uma preferência por *-zinho*, porque a átona final tende a não ser reduzida, Porto Alegre utilizaria mais *-inho*, visto que parece existir uma inclinação forte a neutralizar a átona final. Essa diferença de comportamento diante do fenômeno da neutralização parece motivar a escolha de um ou de outro sufixo.

3.3.2.1.2.2.1 Sexo

Foram selecionados informantes do sexo feminino e masculino.

3.3.2.1.2.2.2 Faixa etária

Os informantes foram divididos em duas faixas etárias, a saber: menos de 50 anos e mais de 50 anos.

3.3.2.1.2.2.3 Escolaridade

A fim de verificar se o grau de instrução representa um valor significativo no presente estudo, buscamos informantes do nível primário, ginásio e secundário.

3.3.2.1.2.2.4 Localidade

Essa variável abrangeu as cidades de Porto Alegre e Curitiba.

3.3.3 Tratamento dos dados do teste de produtividade

Igualmente, os dados conseguidos a partir da aplicação do teste de produtividade foram submetidos à análise dos programas computacionais citados acima, considerando, também, apenas as percentagens. Na codificação das ocorrências, fizemos uso das variáveis mencionadas a seguir.

3.3.3.1 Definição das variáveis

3.3.3.1.1 Variável dependente

3.3.3.1.1.1 Sufixo *-zinho*

Escolhemos o sufixo *-zinho* como a variável dependente controlada por parecer menos marcado em relação à *-inho*, já que a palavra-base não costuma sofrer alterações morfológicas e fonológicas ao recebê-lo.

3.3.3.1.2 Variáveis independentes

3.3.3.1.2.1 Variáveis lingüísticas

3.3.3.1.2.1.1 Tonicidade

- a) oxítona (gafó)
- b) paroxítona (goija)
- a) proparoxítona (népoto)

3.3.3.1.2.1.2 Segmento final da forma primitiva

- a) vogal baixa (*a*), vogal média-baixa frontal e posterior (*ε,ɔ*) – bunégona, zibé, gafó

b) -e, -o primitivos – osvine, núpoto

c) terminados em -/– voprul

3.3.3.1.2.1.3 *Onset* da sílaba final

a) labiais (*b*) – zibé

b) coronais (*t, d, n*) – núpoto, teda, osvine

3.3.3.1.2.2 Variáveis extralingüísticas

3.3.3.1.2.2.1 Sexo

Foram selecionados informantes do sexo feminino e masculino.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

Nas próximas páginas, serão expostos os resultados obtidos a partir dos programas computacionais utilizados tanto para os dados do VARSUL como para o teste de produtividade. Começaremos a apresentação pelo VARSUL e após passaremos a mostrar os resultados alcançados com o experimento. Ademais, trazemos a configuração prosódica e lexical dos sufixos em estudo.

4.1 Detalhamento e discussão dos resultados

4.1.1 Dos dados do VARSUL

Encontramos 805 ocorrências dos sufixos *-inho* e *-zinho* nas vinte e quatro entrevistas provenientes do VARSUL. Desse total, 127 apresentaram aplicações com *-zinho* e 678 fizeram uso de *-inho*. Abaixo, o gráfico mostra em percentual essa distribuição.

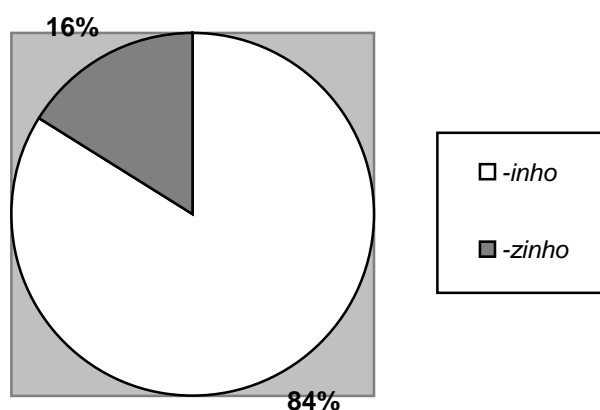


Gráfico 1

Freqüência geral dos sufixos *-inho* e *-zinho* no VARSUL

Olhando para a frequência geral acima, *-inho* apresenta um índice de uso de 84% e *-zinho* apenas 16%. Acontece que a maioria dos falantes forma palavras novas com *-inho* e não com *-zinho* pelo fato de que palavras paroxítonas são muito mais frequentes na língua e, segundo a literatura consultada, essa categoria prefere *-inho* a *-zinho*.

Visto isso, passamos, agora, à exibição mais detalhada dos resultados obtidos para cada grupo de fatores selecionados para esta pesquisa.

TABELA 1 – Distribuição por *classe gramatical* do sufixo *-zinho*

Fatores	Frequência
Nomes – substantivo, adjetivo (avental → aventalzinho)	126/708 = 18%
Não-nomes – advérbio, pronome, outros) (devagar → devagarzinho)	01/97 = 1%
TOTAL	127/805 = 16%

Uma das nossas hipóteses diz que os nomes (substantivos e adjetivos) apresentam mais formações com *-inho* e *-zinho* do que outras classes gramaticais. Nesse sentido, a tabela 1 confirma tal hipótese, mostrando que o uso de *-zinho* ocorre mais nos nomes, com índice de 18%. Portanto, a ocorrência desses afixos é mais produtiva em vocábulos que pertencem à classe gramatical dos substantivos e dos adjetivos.

A tabela nos indica, ainda, que advérbios, pronomes, bem como outras classes gramaticais são as que menos empregam *-zinho*. As palavras encontradas no grupo não-nomes, com o número de repetições entre parênteses, foram as seguintes: pouquinho (56), direitinho (14), rapidinho (2), ligeirinho (1), em seguidinha (1), pertinho (14), tudinho (2), devagarzinho (1), longinho (1), todinha (1), devagarinho (2), correndinho (1), pouquinha (1).

As palavras acima possuem, na sua maioria, acento na segunda sílaba, o que pode ter levado a uma maior utilização de *-inho* do que *-zinho*. Além disso, a palavra *devagar* aparece com os dois sufixos em *devagarzinho*, *devagarinho*, indicando assim uma possibilidade de variação, ainda que mínima, no uso de tais afixos.

TABELA 2 – Distribuição por *tonicidade* do sufixo *-zinho*

Fatores	Frequência
Oxítona (café → cafezinho)	79/84 = 94%
Paroxítona (cidade → cidadezinhas)	47/706 = 7%
Proparoxítona (cálice → calicezinho)	01/15 = 7%
TOTAL	127/805 = 16%

Outra hipótese lançada pretende verificar se a tonicidade pode exercer influência na distribuição de *-inho* e *-zinho*. A tabela acima apresenta a ocorrência do sufixo *-zinho* de acordo com o padrão acentual do PB. Percebe-se que a sua aplicação é muito significativa nas oxítonas em comparação com as paroxítonas e as proparoxítonas.

Esses resultados eram previsíveis, com exceção das proparoxítonas. Baseando-se em Bisol (1992) e Menuzzi (1993), as palavras com acento na última sílaba (oxítonas) escolhem a forma *-zinho*, porque não possuem vogal temática, ou seja, a vogal final do vocábulo faz parte da base derivacional e, exatamente por isso, não desaparece ao acrescentar tal sufixo.

Já no caso das paroxítonas, notamos que houve uma utilização pouco expressiva de *-zinho*. Isso se deve ao fato de que tal grupo de palavras possui vogal temática e esta cai para que ocorra o processo de junção de *-inho* ao vocábulo.

No que diz respeito às proparoxítonas, os mesmos autores apontam *-zinho* como sendo o preferido. Contudo, os índices mostram o contrário, indicando apenas uma aplicação. Devido à escassez de dados e ao resultado inesperado, listamos abaixo as 15 proparoxítonas encontradas na amostra. São elas, com o número de ocorrências entre parênteses: *rapidinho* (2), *maquininha* (3), *zaffarinho* (1), *chacrinhas* (4), *musiquinha* (2), *passarinho* (1), *calicezinho* (1), *epoquinha* (1).

Na palavra *chacrinhas*, percebemos que primeiro o falante a transforma em uma paroxítona ao fazer a síncope de *a*, na qual *chácara* passa a ser *chácrá*. Dessa forma, ele acrescenta o sufixo *-inho*, visto que está diante de uma paroxítona.

Usualmente, parece haver uma preferência por parte do falante pela palavra diminutivizada menor, o que leva a um maior uso de *-inho* em relação a *-zinho*, que parece tornar a palavra mais extensa. Por exemplo, em *rápido* → *rapidinho* e *rapidozinho*, vemos que a primeira é menor que a segunda, proporcionando uma economia na pronúncia dos segmentos. O fato de *-zinho* ter *onset* produz, em geral, uma palavra com uma sílaba a mais, diferente de *-inho*.

Os resultados apurados na amostra do VARSUL indicaram, de um modo geral, que a função precípua dos sufixos *-inho* e *-zinho* é caracterizar diminuição, conforme mostra o gráfico abaixo.

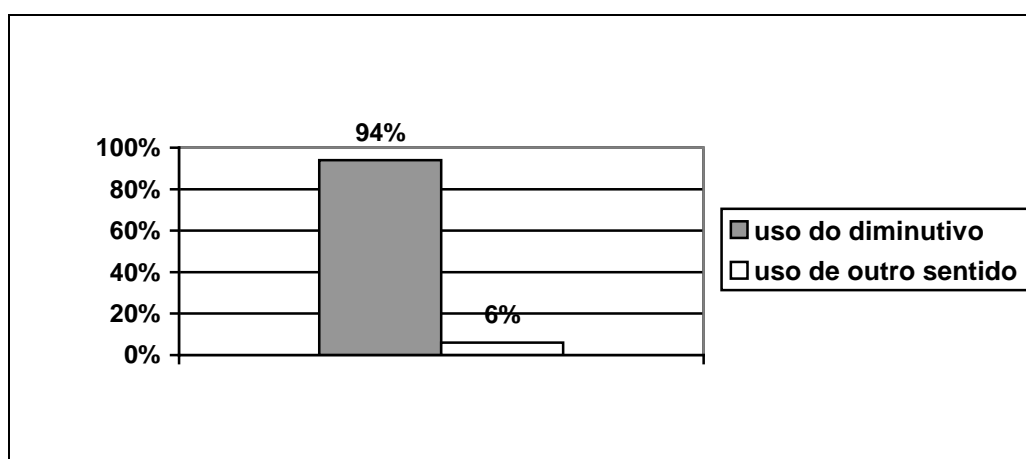


Gráfico 2

Uso dos sufixos *-inho* e *-zinho*

TABELA 3 – Distribuição por *segmento final da forma primitiva* do sufixo *-zinho*

Fatores	Freqüência
Terminados em <i>-r/ -m</i> (bar → barzinho, homem → homenzinho)	24/26 = 92%
<i>-i, -u</i> primitivos (guri → gurizinho, troféu → trofeuzinhos)	08/09 = 89%
<i>-e, -o</i> primitivos (filme → filmezinho, adiantamento → adiantamentozinho)	58/428 = 14%
Vogal baixa e média-baixa (guria → guriazinha, bocó → bocozinho)	30/330 = 9%
TOTAL	120/793 = 15%

Outra hipótese prevê que o segmento final da forma primitiva da base influencia o emprego de *-inho* e *-zinho*; nesse sentido, a não-redução da átona final pela cidade de Curitiba motivaria a escolha de *-zinho*, enquanto que Porto Alegre, preferiria *-inho*, porque aplica quase que categoricamente a redução. Quanto a isso, a tabela 3 nos mostra que os valores mais altos de emprego de *-zinho* são encontrados em palavras terminadas em *-r/ -m* e *-i, -u* primitivos, com 92 e 89%, respectivamente. Em seguida, *-e, -o* primitivos e vogal baixa e média-baixa apresentam índices pouco expressivos de aplicação de tal sufixo.

As palavras que possuem segmento final em *-r/ -m* encontradas na amostra são estas: barzinho (7), colherzinhas (1), corredorzinho (1), corzinha (1), devagarinho (2), devagarzinho (1), homenzinho (1), lugarzinho (3), tratorzinho (1), florzinhas (4), melhorzinho (1) e menorzinho (3). Dessas 26 palavras, 24 fizeram uso de *-zinho*.

De acordo com Bisol (1992), palavras acabadas em consoante /R/, sem a presença da vogal temática, levam acento na sílaba final e optam por *-zinho*, como nos casos de *barzinho*, *colherzinhas*, *corredorzinho*, *corzinha*, *devagarzinho*, *lugarzinho*, *tratorzinho*, *florzinhas*, *melhorzinho* e *menorzinho* encontrados no *corpus* pesquisado. Ainda conforme a mesma autora, palavras acabadas em *-EN*, na maioria das vezes, levam acento na segunda sílaba, e preferem *-zinho*, como em *homenzinho*.

Para *-i*, *-u* primitivos, as palavras levantadas nos dados foram *gurizinho* (4), *pauzinhos* (1), *sarauzinho* (1), *trofeuzinhos* (1), *paizinho* (1), *zaffarinho* (1). Neste caso, esperava-se um resultado semelhante ao que foi encontrado, já que em *guri+inho* → *guriinho*, por exemplo, é criada uma geminção, o que parece ser evitado nas línguas em geral, conforme prevê o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), que não permite dois segmentos adjacentes idênticos. Dessa forma, fica bloqueado o uso de *-inho*. Ademais, a predominância de *-zinho* deve-se, também, ao fato de que todas as palavras citadas acima, exceto *zaffarinho*, são oxítonas e como tal não possuem vogal temática. Devido a isso, o segmento final do vocábulo não desaparece quando se agrega o morfema diminutivo.

No que diz respeito à *-e*, *-o* primitivos, 58 palavras utilizaram *-zinho*, 14%, e 370 escolheram *-inho*, 86%. Tendo como suposição que a neutralização ou não da postônica final tem relação com a seleção do alomorfe, esperávamos que palavras terminadas em *-e*, *-o* selecionassem mais *-zinho* do que *-inho*, o que não foi evidenciado pelos resultados.

TABELA 4 – Distribuição por *onset da sílaba final* do sufixo *-zinho*

Fatores	Freqüência
onset vazio (pai. Øol → paiolzinho)	07/09 = 78%
Labiais (uniforme → uniformezinho)	44/88 = 50%
Nasal dorsal (vinho → vinhozinho)	01/06 = 17%
Coronais (quintal → quintalzinho)	65/553 = 12%
Dorsais (colher → colherzinhas)	11/149 = 7%
TOTAL	127/805 = 16%

Uma das hipóteses formuladas pressupõe que o *onset* da sílaba final da palavra contribui na determinação de qual sufixo será utilizado, principalmente se o segmento for uma nasal dorsal [ñ]. De acordo com esta tabela, é possível observar que o *onset* vazio e as labiais, conforme a ordem decrescente de ocorrência, são os fatores que mais influenciam o uso de *-zinho*. Já a nasal dorsal, as coronais e as dorsais se mostram inexpressivas.

Vejam os quais as palavras que compõem o grupo *onset* vazio: paiolzinho (1), praiazinha (1), areinha (2), lampiãozinho (5). Constatamos que se trata, na maioria, de palavras oxítonas, o que pode justificar a alta freqüência do uso de *-zinho*.

Quanto ao resultado da nasal dorsal, esperávamos um valor maior de utilização de *-zinho*, porém isso não aconteceu. Devido ao Princípio do Contorno Obrigatório (OCP), que não permite dois segmentos adjacentes idênticos, quando está presente uma nasal dorsal no *onset* da sílaba final do vocábulo, poderia haver uma tendência pela utilização de *-zinho* para evitar a assonância provocada pela seqüência [ñ, ñ]. Contudo, isso não foi verificado, segundo as palavras que

apuramos na amostra. São elas: vinhozinho (1), tamainho (1), caminhinho (1), tamanhinho (2), desenhinho (1). Percebemos que todas são paroxítonas, o que pode ter motivado um maior uso de *-inho*.

No que tange às dorsais, as onze aplicações de *-zinho* indicam, também, que a tonicidade do vocábulo exerce uma influência fundamental na distribuição de *-inho* e *-zinho*, uma vez que todas elas são oxítonas, levando assim a um uso mais acentuado de *-zinho*. As onze palavras são: corzinha (1), bocozinho (3), colherzinhas (1), devagarzinho (1), melhorzinho (1), pontilhãozinho (1), lugarzinho (3).

As variáveis lingüísticas analisadas acima mostram, através dos resultados, que o padrão acentual do PB parece realmente determinar a alternância no uso de um sufixo ou de outro. Isso fica ainda mais evidente no caso das oxítonas e das paroxítonas do que das proparoxítonas.

A nossa última hipótese considera que os fatores externos, tais como escolaridade, sexo, faixa etária, localidade, não colaboram na distribuição de *-inho* e *-zinho*; no entanto, no caso da cidade de Curitiba haveria um uso maior de *-zinho*, exatamente porque a átona final não é reduzida; já em Porto Alegre, *-inho* seria o mais utilizado, visto que existe uma propensão forte a neutralizar a átona final. As tabelas abaixo trazem os resultados das quatro variáveis citadas acima.

TABELA 5 – Distribuição por *escolaridade* do sufixo *-zinho*

Fatores	Freqüência
Primário	59/361 = 16%
Ginásio	45/295 = 15%
Secundário	23/149 = 15%
TOTAL	127/805 = 16%

Na tabela 5, visualizamos o uso de *-zinho*, conforme o grau de instrução do informante. Os índices, 16% para o primário e 15% para o ginásio e para o secundário, mostram que a utilização de *-zinho* é praticamente a mesma em todas as faixas de escolaridade. A partir disso, é possível afirmar que o seu uso não é determinado por nível de instrução.

TABELA 6 – Distribuição por sexo do sufixo *-zinho*

Fatores	Freqüência
Masculino	63/305 = 21%
Feminino	64/500 = 13%
TOTAL	127/805 = 16%

De acordo com a tabela 6, os valores de freqüência são muito próximos, 21% para os homens e 13% para as mulheres. Isso mostra que o sexo feminino faz um uso menor de *-zinho* em comparação com o masculino. Porém, se considerarmos o número total de ocorrências, 500 para as mulheres e 305 para os homens, podemos depreender que elas utilizam um pouco mais *-inho* ou *-zinho* do que eles.

TABELA 7 – Distribuição por faixa etária do sufixo *-zinho*

Fatores	Freqüência
Mais de 50 anos	62/310 = 20%
Menos de 50 anos	65/495 = 13%
TOTAL	127/805 = 16%

No que se refere à faixa etária, tabela 7, os índices, também, permanecem bem próximos (20% para as pessoas com mais de 50 anos e 13% com menos de 50 anos de idade). Ainda assim, indivíduos acima de 50 anos empregam um pouco mais *-zinho*.

TABELA 8 – Distribuição por *localidade* do sufixo *-zinho*

Fatores	Frequência
Curitiba	83/497 = 17%
Porto Alegre	44/308 = 14%
TOTAL	127/805 = 16%

Tal tabela apresenta o percentual de uso de *-zinho* para as cidades de Curitiba e Porto Alegre, 17 e 14%, respectivamente. Os resultados individualmente mostram que não há uma diferença expressiva, ou seja, os falantes das duas localidades utilizam de modo semelhante o sufixo em questão.

A fim de testar a veracidade da hipótese que diz que Curitiba apresenta uma tendência à não-neutralização da átona final, enquanto que Porto Alegre parece reduzi-la em todos os contextos e a relação com a escolha de *-zinho* e *-inho*, respectivamente, realizamos o cruzamento das variáveis *Segmento final da forma primitiva* e *Localidade*, já que as tabelas tomadas isoladamente não proporcionam a correlação das duas variáveis mencionadas. A seguir os resultados obtidos.

TABELA 9 – Cruzamento entre *Segmento final da forma primitiva* e *Localidade*

Segmento final da forma primitiva	Localidade			
	Porto Alegre		Curitiba	
	Apl./Tot.	%	Apl./Tot.	%
Terminados em <i>-r/ -m</i> (trator → tratorzinho, homem → homenzinho)	9/10	90	15/16	94
<i>-i, -u</i> primitivos (pai → paizinho, sarau → sarauzinho)	3/4	75	5/5	100
<i>-e, -o</i> primitivos (pivete → pivetezinho, frio → friozinho)	22/164	13	36/264	14
Vogal baixa e média-baixa (praia → praiazinha, café → cafezinho)	8/126	6	22/204	11
TOTAL	42/304	14	78/489	16

Em razão do objetivo desse cruzamento, cabe salientar que na tabela 9 nos interessam, preponderantemente, os resultados que relacionam *-e, -o* primitivos com a localidade.

Verificando a tabela acima, podemos observar que as taxas de utilização de *-zinho* tanto para Porto Alegre quanto para Curitiba apresentam-se semelhantemente, com 13% para a primeira cidade e 14% para a segunda. Além disso, percebemos que para Porto Alegre, das 164 palavras terminadas em *-e, -o*, apenas 22 delas fazem uso de *-zinho*, e para Curitiba, das 264 ocorrências de palavras acabadas com as mesmas vogais, 36 usaram tal sufixo. Esse resultado, então, não confirma a nossa hipótese de que a não-neutralização da átona final teria um efeito motivador no emprego de *-zinho* em Curitiba.

Devido ao fato de o falante de Curitiba não derivar *-i* de *-e* e nem *-u* de *-o*, se esperaria que ele optasse por *-zinho*, preservando a vogal final da palavra primitiva, já que não é esperada do ponto de vista fonológico uma formação como *peixe + inho* → *peixeinho*. A partir dos resultados, pode-se inferir que a formação das palavras diminutivas entre os falantes de Curitiba ocorre, predominantemente, através de *-inho* ao eliminarem a vogal temática da raiz (regra de truncamento da vogal temática) para anexarem o sufixo.

Visando a um melhor entendimento, trazemos, a seguir, as palavras terminadas em *-e*, *-o* primitivos¹¹, que apresentaram *-zinho* em Porto Alegre e Curitiba, com o número de repetições apontado em seguida.

Quadro 2

Ocorrência de palavras com *-zinho* em Porto Alegre e Curitiba

Porto Alegre	Curitiba
Adiantamentozinho ¹² (1)	Cafezinho (1)
Assaltozinho (1)	Chevroletzinho (1)
Calicezinho (1)	Cidadezinha(s) (5)
Carnezinha (1)	Feijãozinho (1)
Empurrãozinho (1)	Fiozinho (1)
Filmezinho (1)	Friozinho (2)
Galinheirozinho (1)	Irmãozinho (2)
Gradezinhas (1)	Lampiãozinho (5)
Pãozinho (2)	Lanchezinho (1)
Pivetezinho (1)	Lotezinho (1)
Pontilhãozinho (1)	Macarrãozinho (1)
Potezinho (1)	Mãozinha (2)
Tapeaçãozinha (1)	Nenezinho (3)
Tardezinha (5)	Pãozinho (2)
Televisãozinha (1)	Pichezinho (1)
Tossezinha (1)	Pobrezinho (1)
Vinhozinho (1)	Riozinhos (1)
	Tardezinha (1)
	Televisãozinha (1)
	Uniformezinho (1)
	Violãozinho (2)
TOTAL = 22	TOTAL = 36

¹¹ Salientamos que não se trata da pronúncia da palavra.

¹² Em consonância com Bisol (1998), consideramos vogal temática todas as vogais finais das palavras citadas no quadro 2.

Ademais, os resultados revelam que tanto Porto Alegre quanto Curitiba dizem *peixinho* e *murinho*, preferencialmente. Isso pode indicar que o “i” é parte do sufixo e não o “i” final da palavra primitiva, pois se em Curitiba se diz “peix[e]” e “bol[o]” sem redução da átona final, não é esse segmento que se preserva na forma de diminutivo.

Diante disso, em Porto Alegre, quando alguém diz *peixinho* está dizendo raiz + sufixo ou palavra primitiva + *-inho*?

Podemos afirmar que se trata de raiz + sufixo, ou seja, a átona final, que em geral é vogal temática, é apagada após a entrada do sufixo *-inho*. Com isso, uma palavra como *peix[e]* + *inho* → *peixinho* perde a vogal final da raiz, através da regra de apagamento da vogal temática, quando *-inho* é incorporado. Na verdade, é o resultado de Curitiba que nos leva à conclusão de que há somente uma regra operando, a de truncamento da vogal temática, já que as vogais da base e do sufixo não são iguais.

Dessa forma, podemos dizer que tanto *-inho* quanto *-zinho* se anexam à palavra já pronta. Isso pode ser confirmado nos dados encontrados, nos quais temos as palavras *posto* → *posto* + *inho* → *postinho*, *uniforme* → *uniforme* + *zinho* → *uniformezinho*, demonstrando que *-inho* e *-zinho* atacam a palavra primitiva.

Por fim, vale dizer que, em relação à possível variação no uso de *-inho* e *-zinho*, encontramos nos dados retirados do VARSUL apenas 16 ocorrências, que apresentaram os dois sufixos para a mesma palavra, representando somente 2% do total. São elas, com o número de repetições indicado ao lado: *assaltinho* (1), *assaltozinho* (1), *carnezinha* (1), *carninha* (1), *devagarinho* (2), *devagarzinho* (1), *plaquetazinha* (1), *plaquetinha* (1), *tardezinha* (6), *tardinha* (1). A partir disso, há evidências de que estamos diante de um fenômeno com caráter alternante, embora em alguns casos haja um pequeno espaço para a variação.

4.1.2 Do teste de produtividade

Quanto ao teste de produtividade, com pseudopalavras, obtivemos 200 ocorrências dos sufixos em estudo nos vinte testes aplicados. Desse total, 109 palavras apresentaram *-zinho* e 91, *-inho*. Essa distribuição pode ser visualizada em percentual no gráfico abaixo.

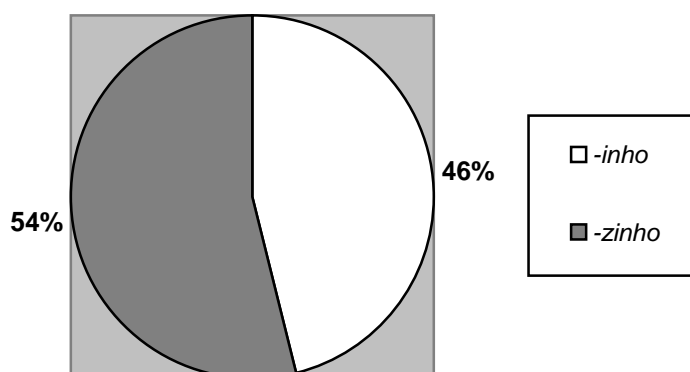


Gráfico 3

Freqüência geral dos sufixos *-inho* e *-zinho* no teste de produtividade

Comparando os dois instrumentos de pesquisa, dados de fala do Projeto VARSUL e do teste de produtividade, com pseudopalavras, constatamos uma diferença significativa na aplicação de *-zinho*, sendo de 16% no primeiro e 54% no segundo objeto. Podemos, talvez, atribuir tal desigualdade ao fato de que os dados do VARSUL refletem o uso concreto da língua, ao passo que o teste reproduz a potencialidade de uso.

Para a análise dos dados obtidos por meio do teste, utilizamos as mesmas variáveis empregadas para a amostra do VARSUL. No entanto, foi necessário excluir algumas delas (classe gramatical, escolaridade, faixa etária, localidade), visto que eram constituídas de apenas um subfator, o que impossibilita a comparação de qual grupo favorece mais ou menos o processo em estudo.

Vejamos, agora, as tabelas que trazem os resultados para o teste de produtividade.

TABELA 10 – Distribuição por *tonicidade* do sufixo *-zinho*

Fatores	Freqüência
Oxítona (bilá → bilazinha)	55/80 = 69%
Paroxítona (osvine → osvinezinho)	34/60 = 57%
Proparoxítona (népoto → nepotozinho)	20/60 = 33%
TOTAL	109/200 = 54%

Levando em conta que a tonicidade da palavra pode ser a principal condicionadora do uso de *-inho* e *-zinho*, a tabela acima traz as taxas de utilização de *-zinho*, segundo a acentuação da palavra. O uso mais expressivo de tal sufixo ocorre nas oxítonas, com 69%; em seguida, vêm as paroxítonas, com 57%, e as proparoxítonas, com 33%. Comparativamente, aqui os índices de aplicação de *-zinho* para as paroxítonas e para as proparoxítonas são maiores do que os da amostra do VARSUL. Provavelmente, isso se deve ao fato de que o teste é controlado, enquanto que as entrevistas do VARSUL foram conduzidas de uma maneira mais informal, ou seja, os entrevistadores faziam perguntas sobre assuntos da família, da própria cidade, do trabalho e os informantes respondiam mais livremente.

Baseando-se em Bisol (1992), o padrão geral de acentuação é constituído por palavras terminadas em vogal, com acento na segunda sílaba a partir da borda direita. Essa classe, as paroxítonas, prefere a forma *-inho*. Contudo, isso não é confirmado nos resultados do teste, já que as paroxítonas apresentam mais *-zinho*. No que se refere às oxítonas, podemos constatar que estão mais de acordo com o que diz a literatura, pois preferem *-zinho* a *-inho*. Quanto às proparoxítonas, igualmente ao VARSUL, os informantes optaram mais por *-inho* do que por *-zinho*.

TABELA 11 – Distribuição por *segmento final da forma primitiva* do sufixo *-zinho*

Fatores	Freqüência
Terminados em <i>-l</i> (voprul → voprulzinho)	16/20 = 80%
Vogal baixa e média-baixa (goija → goijazinha, gafó → gafozinho)	69/120 = 57%
<i>-e, -o</i> primitivos (osvine → osvinezinho, támelo → tamelozinho)	24/60 = 40%
TOTAL	109/200 = 54%

Considerando que o segmento final da forma primitiva da base pode exercer influência sobre a distribuição de *-inho* e *-zinho*, podemos constatar, na tabela 11, que as palavras acabadas em *-l* usam de maneira significativa *-zinho*, com 80% de aplicação. Na seqüência, com 57%, temos as palavras terminadas em vogal baixa e média-baixa. Por fim, *-e, -o* primitivos, com um índice de 40% de emprego de tal afixo.

Diferentemente, na rodada do VARSUL, as palavras terminadas em *-l* apresentaram *knockout*, com 100% de aplicação de *-zinho* nas 7 palavras encontradas na amostra. Já aqui, das 20 palavras acabadas com tal segmento, 16 utilizaram *-zinho*, gerando um percentual de 80%.

Quanto aos 57% do uso de *-zinho* nas palavras com segmento final em vogal baixa e média-baixa, pode ser devido ao fato de que as oxítonas predominam nesse contexto. Como exemplo, temos as pseudopalavras *bilá*, *zibé* e *gafó*, que atestam isso.

Em relação à *-e, -o* primitivos, constatamos que, das 60 ocorrências, 24 apresentaram *-zinho*, um percentual de 40%. Tal valor mostra que a preferência é por *-inho*, da mesma forma que nos resultados do VARSUL. As pseudopalavras *népoto*, *osvine* e *támelo* exemplificam esse grupo de vogais. É possível perceber pelos índices de uso que os falantes optam pelo apagamento da vogal final da

palavra primitiva para acrescentar *-inho*, em vez de juntar *-zinho* à base sem alteração, confirmando nossa constatação em relação aos dados do VARSUL.

TABELA 12 – Distribuição por *onset da sílaba final* do sufixo *-zinho*

Fatores	Freqüência
Labiais (zibé → zibezinho)	42/60 = 70%
Coronais (bunégona → bunegonazinha)	67/140 = 48%
TOTAL	109/200 = 54%

Tendo em vista que o *onset* da sílaba final da palavra pode contribuir na escolha de *-inho* e *-zinho*, a tabela 12 traz as taxas de *-zinho* levando em conta o segmento envolvido no *onset* da sílaba final da palavra primitiva. Notamos aí que as labiais apresentam 70%, enquanto que as coronais, 48% de utilização de tal sufixo. Pelas freqüências, podemos dizer que as labiais exibem uma vantagem de uso em relação às coronais, apesar de estas terem um número total maior de ocorrências do que aquelas.

Para exemplificar o grupo das labiais, podemos citar *gafó*, *voprul* e *zibé*, todas com acento na última sílaba, o que pode ter induzido a um uso maior de *-zinho*. Em relação às coronais, as pseudopalavras *bunégona*, *bilá*, *népoto*, *osvine*, *támelo*, *teda* e *goija* as representam. Talvez pelo fato de termos nesse grupo algumas paroxítonas (*osvine*, *teda* e *goija*), o sufixo *-inho* predominou.

TABELA 13 – Distribuição por sexo do sufixo *-zinho*

Fatores	Freqüência
Masculino	51/90 = 57%
Feminino	58/110 = 53%
TOTAL	109/200 = 54%

Uma das hipóteses lançadas prevê que fatores sociais não têm relevância quanto à seleção de *-inho* e *-zinho*. Observando a tabela acima, que mostra o emprego de *-zinho*, conforme o sexo do entrevistado, verificamos uma grande proximidade entre as freqüências de uso, sendo de 57% para os homens e 53% para as mulheres. Isso nos indica que nenhum dos dois sexos se sobressai quanto à utilização de *-zinho*, ou seja, ambos fazem uso de maneira praticamente igual. De modo semelhante, os resultados da amostra do VARSUL revelaram que não há diferença significativa de uso quando se trata do sexo do informante.

A diferença de freqüência de *-zinho* entre o VARSUL, 16%, e o teste, 54%, talvez possa indicar que houve uma variação muito maior no experimento do que na amostra do VARSUL. Provavelmente, isso ocorreu em virtude de o teste ser um instrumento de pesquisa controlado, no qual, neste caso, o informante teve acesso às duas possibilidades de expressar a diminuição, uma com *-inho* e outra com *-zinho*. Já no VARSUL, os dados foram coletados através de conversas informais com o entrevistado, o que leva a uma despreocupação no momento da fala.

4.2 Configuração prosódica de *-inho* e *-zinho*

A Teoria Prosódica de Nespor & Vogel (1986) diz que toda palavra fonológica é um constituinte n-ário que precisa dominar um ou mais constituintes da posição imediatamente inferior e que apresenta apenas um elemento forte, pressupondo a presença de um único acento primário. Valendo-nos desse conceito, podemos atribuir o *status* prosódico de palavra fonológica aos afixos

-inho e *-zinho*, já que ambos não têm mais do que um acento, são o *locus* de processos fonológicos e ainda possuem existência isolada, ou seja, são unidades.

Assim, o processo de constituição de *cafezinho* e *peixinho*, por exemplo, obedece a seguinte estrutura:

(4)



Depreendemos daí que tanto *cafezinho* quanto *peixinho* são constituídos a partir de duas palavras fonológicas, quais sejam *café* + *zinho* = *cafezinho*, *peixe* + *inho* = *peixinho*. Neste último caso, há a necessidade da queda da vogal final da base, através da regra de truncamento da vogal temática, para que *-inho* seja acomodado adequadamente.

No entanto, esse tipo de estrutura, que pressupõe a formação de uma palavra fonológica a partir de duas, contraria o argumento de não-recursividade proposto por Nespor & Vogel (1986, p. 2) “[...] as regras que constroem a hierarquia fonológica são não-recursivas por natureza [...]”¹³. Neste trabalho, diferentemente das referidas autoras, admitimos que a palavra fonológica permite recursividade no nível lexical, conforme defendido por Peperkamp (1997), Vigário (1999), Bisol (2000) e Schwindt (2000).

Igualmente, na esfera fonológica, Moreno (1977) confere aos sufixos *-inho* e *-zinho* o *status* de vocábulo fonológico autônomo, auto-acentuado, que sempre conserva o acento e apresenta a sua esquerda um limite vocabular com a palavra-base, o que atesta a independência dos elementos envolvidos. Por isso, ambos mantêm a vogal média-baixa da base à qual se anexam, como em *perto* +

¹³ [...] the rules that construct the phonological hierarchy are not recursive in nature [...] (Nespor & Vogel, 1986, p. 2).

inho = *pertinho*, *uniforme* + *zinho* = *uniformezinho*, ou seja, como se conservam dois acentos, não se aplica a neutralização da vogal pretônica. Ademais, *-zinho* conserva as características estruturais da base, modificando apenas a localização do acento primário, que passa para a sílaba *zi*, propriedade semelhante, também, para *-inho*, que atrai o acento principal para a sílaba que abrange o [i] do sufixo.

Além disso, por *-inho* e *-zinho* serem considerados unidades, são completamente transparentes do ponto de vista lexical, no sentido de Aronoff (1976), uma vez que os falantes reconhecem as construções com esses sufixos tanto morfológica quanto semanticamente. Dessa forma, por apresentarem visibilidade aos olhos do falante, eles se tornam muito produtivos no processo de formação de palavras.

4.3 Configuração lexical de *-inho* e *-zinho*

Sob a perspectiva da Morfologia e Fonologia Lexical, apresentada no capítulo 2, que postula uma divisão em níveis para o léxico, nos quais regras fonológicas e morfológicas interagem reciprocamente, tentaremos, nesta seção, verificar em qual nível *-inho* e *-zinho* são aplicados.

Admitimos, para isso, que o português brasileiro está organizado em dois componentes: o lexical, composto por dois níveis, no qual as regras afetam somente palavras; e o pós-lexical, em que as regras são aplicadas sobre o resultado da sintaxe (na palavra pronta, em combinação de palavras), isto é, fora do nível do léxico.

Propomos, a seguir, uma tentativa de aplicação dos pressupostos da Morfologia e Fonologia Lexical para a formação das palavras *pertinho* e *uniformezinho*.

	[pert+o]	[uniform+e]
Léxico		
Nível 1		
Morfologia		
Adjunção da vogal temática	[perto]	[uniforme]
Fonologia		
Silabificação	[per. to]	[u.ni.for.me]
Acento	[pér.to]	[u.ni.fór.me]
Nível 2		
Morfologia		
Afixação	[[pér.to] inho]	[[u.ni.fór.me] zinho]
Truncamento da vogal temática	[[pér.t] inho]	(não se aplica)
Fonologia		
Silabificação	[[pér.t] i.nho]	[[u.ni.fór.me.] zi.nho]
Acento	[[pér.t] í.nho]	[[u.ni.fór.me.] zí.nho]
Saída	pertinho	uniformezinho

Na derivação apresentada acima, vemos que no nível 1 precisa ocorrer a adjunção da vogal temática à raiz, conforme Schwindt (2000, p. 56), “[...] em se tratando da Fonologia Lexical, a vogal temática precisa entrar no primeiro nível da derivação, por dela dependerem as desinências e os sufixos”. Logo depois vêm a silabificação e a atribuição de acento. Em seguida, o nível 2 traz a afixação de *-inho* e *-zinho*, porque ambos lidam com a palavra pronta, o apagamento da vogal temática apenas para *pertinho*, a silabificação, o acento e, por fim, a saída das duas palavras do componente lexical.

Além disso, percebemos que há uma distinção no que diz respeito à aplicação de regras nas formações com *-inho* e *-zinho*. O primeiro precisa apagar a vogal temática da base, para que sua afixação produza uma seqüência boa, pois, caso contrário, teríamos uma palavra como **pertoinho*, o que não é esperado na língua. Isso indica que a regra de truncamento da vogal temática é uma propriedade de sufixos iniciados por vogal, como, por exemplo, em *atômico + idade = atômidade*, em que cai o /o/ final. Podemos dizer, então, que se trata de truncamento da vogal temática diante de afixos que são palavras fonológicas independentes.

Poderíamos propor que tais sufixos se adjungem às suas bases no componente pós-lexical. Porém, como explicar que não temos, por exemplo, *casas+zinhas* → *casas_zzinhas*. Esse tipo de formação até poderia ser explicado

através da fusão dos S's. Ao lidarmos com afixos, não se espera morfologia interna à palavra (palavra como unidade morfológica) depois da sintaxe.

Tendo em vista que tanto *-inho* quanto *-zinho* se anexam a uma palavra já pronta, assumimos que ambos pertencem ao nível 2 do léxico, com uma diferença no processo de junção às suas bases, na qual *-inho* exige a supressão da vogal temática da base, ao passo que *-zinho* não.

Chegamos, aqui, ao fim deste capítulo que teve como objetivo trazer os resultados dos dois *corpora* utilizados neste estudo, a fim de verificarmos se nossas convicções estavam na direção certa. Ademais, procuramos atribuir o *status* prosódico e lexical de *-inho* e *-zinho*, seguindo os pressupostos da Teoria Prosódica e da Morfologia e Fonologia Lexical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo visou a estudar a forma e o uso dos sufixos *-inho* e *-zinho* a partir de duas comunidades lingüísticas, Porto Alegre e Curitiba, pertencentes à região sul. Para isso, no primeiro capítulo, foi apresentada a organização geral da pesquisa; no segundo, foi realizada uma revisão da literatura acerca das teorias relevantes e dos trabalhos que analisaram *-inho* e *-zinho*; o terceiro capítulo se deteve em mostrar todos os passos metodológicos utilizados; e o quarto trouxe a descrição dos resultados obtidos e, também, a configuração prosódica e lexical de tais elementos.

A partir da investigação empreendida nesta pesquisa, podemos tecer as seguintes conclusões:

a) as classes gramaticais “substantivo” e “adjetivo” são as que mais apresentam formações com *-inho* e *-zinho*;

b) o sufixo *-inho* é o mais recorrente / produtivo nos dados de fala provenientes do VARSUL, enquanto que no teste de produtividade, com pseudopalavras, *-zinho* é o mais usado. Como já foi dito, certamente essa oposição de uso encontra razão no método de obtenção dos dados nos dois instrumentos de pesquisa;

c) o segmento final da forma primitiva da base influencia o emprego desses sufixos, principalmente quando o segmento final for uma consoante, o que leva a um maior uso de *-zinho*. Se o segmento final for uma vogal, ocorre uma utilização maior de *-inho*, com exceção de *-i* e *-u*;

d) o *onset* da sílaba final da palavra não contribui de maneira significativa na determinação de qual sufixo será utilizado; acreditávamos que quando o *onset* da sílaba final fosse uma nasal dorsal [ñ], *-zinho* seria o mais usado para evitar a assonância da seqüência [ñ, ñ]. Todavia, como os resultados mostraram, isso não se confirmou;

e) a tonicidade da palavra é a principal responsável pela distribuição geral dos referidos afixos, confirmando assim o que a literatura já havia previsto;

f) os fatores extralingüísticos (escolaridade, sexo, faixa etária, localidade) revelaram-se inexpressivos, não contribuindo na distribuição de *-inho* e *-zinho*;

g) a não-neutralização da átona final pela cidade de Curitiba não motiva um maior uso de *-zinho*. Quanto a Porto Alegre, *-inho* é o mais empregado, justamente porque aplica categoricamente a redução;

h) a distribuição de *-inho* e *-zinho* está condicionada ao padrão acentual da língua, conferindo um caráter de alternância a tal fenômeno; dessa forma, *-zinho* se agrega, predominantemente, a oxítonas; *-inho* se anexa, predominantemente, a paroxítonas; e quanto às proparoxítonas, evidenciamos uma maior aplicação de *-inho* do que *-zinho*, distanciando-se um pouco da literatura, que diz que essa categoria, na maior parte, elege *-zinho*;

i) em se tratando de Morfologia e Fonologia Lexical, parece que tais afixos se inserem melhor no nível 2 do componente lexical, visto que se unem a palavras já formadas, ou seja, quando a raiz já recebeu a vogal temática e o acento no nível 1. No caso das palavras que não possuem vogal temática, como em *café*, por exemplo, o sufixo, também, se une a uma base já pronta;

j) no tocante ao *status* prosódico de ambos, devido às suas características – possuem apenas um acento, são o *locus* de processos fonológicos e existem isoladamente – se enquadram de maneira satisfatória no constituinte palavra fonológica.

Diante do que foi exposto, esperamos ter contribuído para a descrição do português falado na região sul e, também, para os estudos lingüísticos de um modo geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTILLA, Arto. Deriving Variation from Grammar. In: HINSKENS; VAN HOUT; WETZELS. **Variation, change and phonological theory**. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

ARONOFF, Mark. **Word formation in Generative Grammar**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.

BASÍLIO, Margarida. **Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BISOL, Leda (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. (org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

_____. **O acento: duas alternativas de análise**. PUC/UFRGS, 1992.

_____. A nasalidade, um velho tema. In: **Delta**, 1998, n. 14. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 20 dezembro 2008.

_____. Mattoso Câmara Jr. e a palavra prosódica. In: **Delta**, 2004, n. 20. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 25 agosto 2008.

_____. O clítico e seu *status* prosódico. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 5-30, 2000.

_____. A degeminação e a elisão no VARSUL. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (orgs.) **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____; BRESCANCINI, Cláudia (orgs.) **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BRESCANCINI, Cláudia. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (orgs.) **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. **Readings in english transformational grammar**. Waltham: Ginn and Co., 1970.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Lingüística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

HALLE, Morris. & VERGNAUD, Jean-Roger. **An essay on stress**. Cambridge: MIT Press, 1987.

HARRIS, James W. **Syllable structure and stress in Spanish: A Nonlinear Analysis** Massachusetts: MIT, 1983.

KAISSE, Ellen M. & SHAW, Patricia A. **On the theory of lexical phonology**. Phonology Yearbook 2. p. 1-30, 1985.

KATAMBA, Francis. **Morphology**. New York: St. Martin's Press, 1993.

KIPARSKY, Paul. Lexical morphology and phonology. In: S. Yang(ed.) **Linguistic in the morning Calm**. Seoul: Hanshin Publishing Co. p. 3-91, 1982.

LABOV, William. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

_____. **The social stratification of English in New York City**. Arlington: Center for Applied Linguistics, 1966.

MENUZZI, Sergio. **On the Prosody of the Diminutive Alternation -inho/-zinho in Brazilian Portuguese**. HIL/Leiden University, 1993.

MOHANAN, Karuvannur. **Lexical phonology**. Doctoral dissertation, MIT, 1982.

MONARETTO, Valéria. **O pacote de Programas VARBRUL – versão 2S: formatação de arquivos e execução dos programas**. 2006. 4 p. (não-publicado).

MORENO, Cláudio. **Os diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal em português**. 1977. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

NESPOR, Marina e VOGEL, Irene. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris, 1986.

PEPERKAMP, Sharon Andrea. **Prosodic Word**. Ph.D. Dissertation. University of Amsterdam, 1997.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

SCHULZ, Elisa Ludwig. **O diminutivo na fala de homens e mulheres em Porto Alegre e São Borja**. 1997. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A relação entre morfologia e fonologia na história dos estudos lingüísticos. In: **Léxico e morfofonologia: perspectivas e análises**. Uberlândia: EDUFU, 2006. (Lingüística in focus; v. 4).

_____. **O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica**. 2000. 191f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

VIEIRA, Hilda Gomes. **Um estudo fonológico gerativo dos diminutivos em português**. 1978. 196f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. **Neutralização das vogais médias postônicas**. 1994. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

VIGÁRIO, Marina. On the prosodic status of stressless function words in european portuguese. In Hall, T. A. & Kleinhenz, U. (eds.) **Studies on the phonological word**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. 255-294, 1999.

ANEXOS

ANEXO I

Segue, em ordem alfabética, a lista de ocorrências das palavras encontradas, com o número de vezes entre parênteses, no banco de dados do VARSUL.

A

Abertinho (1)
Adiantamentozinho (1)
Amarelinha (1)
Amarradinho (2)
Amiguinhas (1)
Amiguinhos (1)
Aparelhinho (1)
Apertadinha (1)
Apertadinho (1)
Arcadinho (1)
Areinha (2)
Asinhas (1)
Assaltinho (1)
Assaltozinho (1)
Aulinha (2)
Aventalzinho (2)

B

Bailinho (3)
Bairrinho (1)
Baixinha (1)
Baixinho (1)
Banquinho (1)
Barquinhos (1)
Barzinho (7)
Batatinha (3)
Bichinho (3)
Bilhetinho (1)
Boazinha (1)
Bobinha (1)
Bocozinho (3)
Bolachinha (2)
Bolinha (5)
Bolinho (1)
Bondinho (2)

Bonequinha (1)
Bonequinhos (1)
Bonitinha (5)
Bonitinho (9)
Botequinhos (3)
Botinha (2)
Branquinha (1)
Brequinha (1)
Briguinhas (2)
Brinquedinho (1)
Bundinha (1)
Burrinho (1)

C

Cabelinho (1)
Cacaquinhas (1)
Cachorrinho (2)
Caçulinha (1)
Cafezinho (1)
Caipirinha (3)
Caixinha (1)
Calicezinho (1)
Caminhinho (1)
Caminhonetinha (1)
Camisinha (1)
Campinho (2)
Candeeirinho (1)
Canequinhas (1)
Cantinho (3)
Capelinha (1)
Carnezinha (1)
Carninha (1)
Carrinho (15)
Carrocinha (4)
Casalzinho (1)
Cascalhinhos (1)

Casinha (15)
Casquinhas (2)
Cebolinha (1)
Centrinho (1)
Cercadinho (1)
Certinho (4)
Cervejinha (6)
Cestinha (1)
Chacrinhas (4)
Chateauzinho (1)
Cheirinho (3)
Chevrolezinho (1)
Churrasquinho (4)
Cidadezinhas (5)
Cinturinha (1)
Coisinha (11)
Coitadinha (3)
Coitadinho (4)
Coleguinha (2)
Colherzinhas (1)
Colinha (2)
Comecinho (1)
Comidinha (1)
Compridinhos (1)
Conchinhas (1)
Cordinha (2)
Corredorzinho (1)
Correndinho (1)
Corridinha (1)
Corzinha (1)
Criancinhas (3)
Cruzinhas (1)
Cursinho (8)
Curvinhas (1)

D

Dedinho (1)
 Desenhinho (1)
 Desfiadinha (2)
 Desfiadinho (1)
 Devagarinho (2)
 Devagarzinho (1)
 Diabinho (1)
 Dinheirinho (3)
 Direitinho (15)
 Docinho (1)
 Duchinhas (1)
 Duplinha (4)
 Durinha (1)

E

Empurrãozinho (1)
 Entradinha (1)
 Enxadinha (1)
 Epoquinha (1)
 Ervinha (1)
 Escadinha (1)
 Escolinha (6)
 Escondidinha (1)
 Espuminha (1)
 Estradinha (2)
 Estreitinha (1)

F

Fabinho (2)
 Fantasiazinhas (1)
 Farrinha (1)
 Favelinha (1)
 Fechadinha (1)
 Feijãozinho (1)
 Feirinha (1)
 Festinha (17)
 Filhinha (1)
 Filhinhos (3)
 Filmezinho (1)
 Fininha (1)
 Fininho (1)
 Fiozinho (1)
 Florzinhas (4)
 Fofinho (1)
 Foguinho (2)
 Folguinha (3)
 Folhinha (1)

Forcinha (2)
 Frescurinhas (1)
 Fresquinha (1)
 Fresquinho (2)
 Friozinho (2)
 Fugidinha (2)
 Fuminho (1)
 Furinho (1)
 Futebolzinho (1)

G

Galinhos (1)
 Galinheirozinho (1)
 Garotinho (1)
 Garrafinha (1)
 Gordinha (1)
 Gostinho (1)
 Gostosinho (1)
 Gradezinhas (1)
 Grupinho (1)
 Guerrinha (1)
 Guisadinho (2)
 Guriazinha (7)
 Gurizinho (4)

H

Historinha (2)
 Homenzinho (1)
 Horinha (2)

I

Igrejinha (2)
 Instantinho (1)
 Inteirinhas (1)
 Inteirinho (2)
 Irmãozinho (2)
 Irmãzinha (2)

J

Janelinha (1)
 Jantinha (1)
 Jeitinho (4)
 Joguinho (1)
 Judinha (1)

L

Ladinho (2)
 Laguinho (1)
 Lampiãozinho (5)
 Lanchezinho (1)
 Latinha (2)
 Ligeirinho (10)
 Limpinho (2)
 Lindinha (1)
 Livrinhos (4)
 Lojinhas (5)
 Longinho (1)
 Lotezinho (1)
 Lugarzinho (3)
 Luzinha (1)

M

Macarrãozinho (1)
 Machinho (1)
 Madeirinha (2)
 Magricelinha (1)
 Malinha (1)
 Manguinha (1)
 Mãozinha (2)
 Maquininha (3)
 Marchinha (1)
 Matinhos (3)
 Melhorzinho (1)
 Mendiguinho (2)
 Menininha (3)
 Menorzinho (3)
 Mercadinho (1)
 Merinho (1)
 Mesinhas (2)
 Mocinhas (10)
 Mocinho (1)
 Modelinho (2)
 Murinho (1)
 Musiquinhas (2)

N

Namoradinhas (1)
 Namoradinho (1)
 Negocinhos (1)
 Neguinho (1)
 Nenezinho (3)
 Netinha (2)
 Netinho (6)

Novinha (3)
Novinho (1)

O

Oficinazinha (1)

P

Paiozinho (1)
Paizinho (1)
Palitinho (2)
Panelinhas (2)
Pãozinho (4)
Papinha (1)
Paradinha (1)
Parquinho (10)
Partinhas (1)
Passarinho (1)
Patotinha (1)
Pauzinhos (1)
Pedacinho (8)
Pedrinhas (1)
Pegadinha (1)
Peixinhos (3)
Peninha (1)
Pentinho (1)
Pequeninhas (2)
Pequeninho (3)
Pequeninhas (5)
Pequeninho (9)
Pertinho (14)
Pezinho (2)
Piazinho (4)
Picadinha (1)
Picadinho (1)
Pichezinho (1)
Pintinho (1)
Piscininha (1)
Pivetezinho (1)
Plaquetazinha (1)
Plaquetinha (1)
Pobrezinho (1)
Poltroninhas (1)
Pontilhãozinho (1)
Pontinho (1)
Portuguesinho (1)
Postinho (3)
Potezinho (1)
Pouquinha (1)
Pouquinho (56)

Pracinha (27)
Praiazinha (1)
Princesinha (1)
Probleminha (2)
Prontinho (1)
Puxadinho (1)

Q

Quadrado (1)
Quadrinhas (2)
Quadrinhos (1)
Quartinho (2)
Quentinho (3)
Queridinho (1)
Quietinha (1)
Quietinho (3)
Quintalzinho (1)

R

Rapazinho (1)
Rapidinho (2)
Rasinho (1)
Remedinho (1)
Restinho (2)
Richinhas (1)
Riozinhos (1)
Risquinho (1)
Rodelinhas (1)
Rodinhas (1)
Roquinho (2)
Roupinhas (1)

S

Sacolinha (1)
Saidinhas (3)
Salarinho (1)
Salgadinhos (3)
Salinha (2)
Saltinho (1)
Sambinha (1)
Sanduichinhos (1)
Saquinhos (2)
Sarauzinho (1)
Seguidinha (1)
Semaninha (1)
Sentadinho (5)
Sequinha (1)
Sequinho (1)

Servicinho (1)
Sofazinho (4)
Sossegadinho (1)

T

Tabuinha (2)
Tamainho (3)
Tamanquinho (1)
Tapeaçozinha (1)
Tardezinha (6)
Tardinha (1)
Teatrinho (1)
Televisãozinha (2)
Tempinho (2)
Tendinhas (1)
Terminalzinho (1)
Terrinha (1)
Tijolino (1)
Timinho (3)
Toalhinha (1)
Todinha (3)
Todinho (1)
Tomadinho (1)
Torneirinha (1)
Tortinho (1)
Tossezinha (1)
Trabalhinhos (2)
Traguinho (1)
Tratorzinho (1)
Trechinho (3)
Trequinhos (1)
Trofeuzinhos (1)
Tronquinhos (1)
Troxinha (1)
Tudinho (2)
Turminha (4)

U

Uniformezinho (1)
Ursinho (1)

V

Vaquinha (1)
Varinha (1)
Velhinha (1)
Velhinho (3)
Ventinho (1)
Verdinhas (1)

Vestidinho (1)
Vidinha (2)
Vinhozinho (1)
Violãozinho (2)
Violinha (1)
Voltinha (2)

Z

Zaffarinho (1)

ANEXO II

A seguir, listamos as ocorrências obtidas a partir do teste de produtividade, com o número de ocorrências indicado entre parênteses.

bilainha (7)
bilazinha (13)
bunegonazinha (8)
bunegoninha (12)
gafoinho (9)
gafozinho (11)
goijazinha (14)
goijinha (6)
nepotinho (16)
nepotozinho (4)
osvinezinho (12)
osvininho (8)
tamelinho (12)
tamelozinho (8)
tedazinha (8)
tedinha (12)
voprulinho (4)
voprulzinho (16)
zibeinho (5)
zibezinho (15)

ANEXO III

Segue o modelo do teste de produtividade aplicado.

Prezado estudante,

Queremos contar com a sua contribuição nesta pesquisa sobre a utilização dos diminutivos *-inho* e *-zinho* no português brasileiro.

A seguir, são propostas frases, com a ocorrência dos dois diminutivos mencionados. As palavras apresentadas não existem em português, mas queremos que você imagine um significado para elas, escolhendo apenas uma das formas diminutivas.

Este é um exercício sobre como empregamos os diminutivos *-inho* e *-zinho* no português falado no dia-a-dia. Não estamos, então, preocupados com a "forma certa de falar ou de escrever", mas queremos saber quais seriam as alternativas que você escolheria se estivesse conversando com seus amigos, em uma situação descontraída.

- 1) José tem um osvine.
 José tem um osvinezinho.
 José tem um osvininho.

- 2) Vitor ganhou uma bunégona.
 Vitor ganhou uma bunegoninha.
 Vitor ganhou uma bunegonazinha.

- 3) Joana foi à feira procurar uma bilá.
 Joana foi à feira procurar uma bilazinha.
 Joana foi à feira procurar uma bilainha.

- 4) O quadro está dentro de um támelo.
 O quadro está dentro de um tamelinho.
 O quadro está dentro de um tamelozinho.

- 5) Maria, ao atravessar a rua, se deparou com um voprul.
 Maria, ao atravessar a rua, se deparou com um voprulzinho.
 Maria, ao atravessar a rua, se deparou com um voprulinho.

- 6) Pedro pediu a teda emprestada à sua irmã.
 Pedro pediu a tedinha emprestada à sua irmã.
 Pedro pediu a tedazinha emprestada à sua irmã.

- 7) João encontrou uma goija no rio.
 João encontrou uma goijazinha no rio.
 João encontrou uma goijinha no rio.

- 8) É necessário trocar o népoto do carro.
() É necessário trocar o nepotinho do carro.
() É necessário trocar o nepotozinho do carro.

- 9) Todos estão esperando o zibé.
() Todos estão esperando o zibezinho.
() Todos estão esperando o zibeinho.

- 10) O gafó estava na livraria.
() O gafoinho estava na livraria.
() O gafozinho estava na livraria.

DADOS PESSOAIS

NOME: _____ IDADE: _____

ESCOLARIDADE: _____ CIDADE: _____

Concordo com a publicação dessas informações para fins de pesquisa acadêmica sem a publicação dos dados pessoais.

DATA: _____

ASSINATURA: _____